largo cultural

RETOMADA DE UM ESPAÇO CENTRAL EM FLORIANÓPOLIS

POR: JEAN MARCOS BOSCHETTI
ORIENTADORA: ADRIANA M. ROSSETTO

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de um percurso que nunca foi solitário. Por isso, começo agradecendo à minha avó, que me guiou ao longo de toda essa jornada e que, embora não esteja mais em vida, permanece presente em tudo aquilo que sou e construo. Muito antes deste trabalho, foi ela quem ajudou a me formar como pessoa, deixando ensinamentos, gestos e afetos que seguem vivos no tempo e no mundo. Sua presença, agora transformada em memória, cuidado e legado, foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

Aos meus pais e aos meus tios, deixo meu agradecimento mais sincero por todo o apoio, incentivo e acolhimento ao longo dessa trajetória. Mesmo nos momentos mais difíceis, vocês foram base, força e segurança.

Aos amigos que caminharam comigo nessa etapa - Isadora Rocha, Jeliel, Vitória, Bruna, Helena, Yasmin, Luana, Luiz, Hellen e Laura - e a todos os outros que, de alguma forma, fizeram parte desse processo, agradeço pela escuta, pelas conversas, pelos risos e pelo apoio cotidiano. Essa etapa da vida foi construída também a partir dos encontros, das trocas e das vivências que compartilhamos, que deram sentido aos dias mais simples e sustentaram os mais difíceis.

À Isadora Lisboa, deixo um agradecimento especial. Sua generosidade e sua disposição em ajudar foram essenciais para que este trabalho se tornasse possível.

Agradeço igualmente às pessoas e aos escritórios onde trabalhei, assim como a todos do ambiente profissional, pelas experiências, aprendizados e pela convivência que contribuíram para minha formação pessoal e acadêmica.

À minha orientadora, deixo um agradecimento especial. Mais do que uma excelente professora, encontrei uma profissional generosa, com grande conhecimento técnico e um olhar sensível para todo o processo. A orientação foi leve, cuidadosa e transformadora, tornando esse percurso mais significativo e prazeroso.

Por fim, agradeço a mim mesmo por ter permanecido. Por atravessar o cansaço, a dúvida e o silêncio sem deixar de seguir. Chegar até aqui não foi vencer um caminho, mas habitá-lo, dia após dia, aprendendo a escutar o tempo, o corpo e o que insistia em continuar. Este trabalho não encerra um ciclo - ele registra uma experiência

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO 03
II MOTIVAÇÃO 04
III OBJETIVOS 04
IV HERENÇA HISTÓRICA 05
V LEITURA URBANA 07
VI DIRETRIZES URBANAS 09
VII O OBJETO 10
VIII ESTUDO DE CASO 11
IX A PROPOSTA 13
X REFERÊNCIAS 30

I INTRODUÇÃO

O espaço público desempenha papel central na constituição da vida urbana, reunindo deslocamentos, encontros, atividades cotidianas e manifestações culturais. Autores como Jane Jacobs e Jan Gehl destacam, em diferentes perspectivas, que a qualidade desses espaços está associada à presença das pessoas, à diversidade de usos e à possibilidade de convivência e visibilidade social. Nessa compreensão, a cidade não se define apenas por seus edifícios e infraestruturas, mas também pela maneira como seus habitantes ocupam e compartilham o espaço comum.

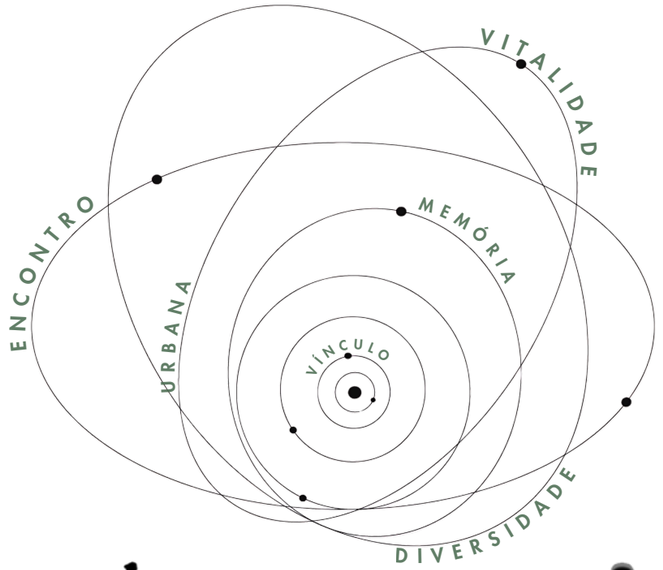
No contexto contemporâneo, muitas cidades enfrentam desafios relacionados à organização e ao uso de seus espaços públicos. A adaptação a novas demandas de mobilidade, a convivência entre diferentes modais de transporte, a reestruturação de áreas centrais e as transformações na paisagem urbana configuram cenários em que o espaço destinado ao pedestre e à permanência tende, em alguns casos, a se reduzir. Esses processos podem influenciar o modo como as pessoas experimentam o ambiente urbano, especialmente em áreas de grande fluxo e diversidade de atividades.

Centros urbanos históricos, particularmente em cidades litorâneas, reúnem características específicas. Esses territórios frequentemente combinam funções administrativas, comerciais e culturais, ao mesmo tempo em que concentram importantes fluxos de moradores e visitantes. Modificações ao longo do tempo - como reorganizações viárias, ajustes à infraestrutura de transporte, aterros ou alterações nos cursos d'água - contribuem para redefinir a relação entre paisagem, memória e uso cotidiano desses espaços.

É nesse quadro mais amplo que se insere o centro de Florianópolis. A área reúne instituições públicas, atividades comerciais, serviços e equipamentos urbanos que concentram grande parte dos fluxos cotidianos da cidade. Sua configuração espacial é marcada por intensa circulação de pedestres, ônibus e veículos particulares, compondo um ambiente em que diferentes ritmos se sobrepõem. Em meio a essas dinâmicas, parte dos espaços livres é utilizada como área de estacionamento ou como áreas de apoio à infraestrutura de mobilidade, o que influencia a quantidade e a forma de uso dos locais destinados à permanência, ao encontro e ao descanso no cotidiano urbano.

Ao mesmo tempo, o centro abriga elementos culturais e históricos que desempenham papel importante na identidade da cidade, como o Mercado Público, o Largo da Alfândega e as edificações remanescentes do núcleo original. Esses espaços convivem com intervenções contemporâneas, reorganizações viárias e alterações na paisagem decorrentes do crescimento urbano, formando um território composto por diferentes camadas temporais. A sobreposição entre práticas tradicionais, dinâmicas comerciais atuais e demandas de mobilidade evidencia a complexidade do centro e destaca seu potencial para acolher novos arranjos espaciais que articulem cultura, convivência e uso cotidiano.

Esse conjunto de elementos permite relacionar a configuração espacial do centro com formas distintas de uso e permanência, tema desenvolvido por Jacobs e Gehl em suas análises sobre a vida urbana. Para Jacobs (2000, p. 187), a vitalidade urbana surge da sobreposição de diferentes usos e ritmos de vida, o que favorece a circulação, a segurança e os laços sociais. Gehl (2013, p. 17), por sua vez, aponta que a qualidade do espaço público depende da escala humana e do tempo de permanência, sugerindo que a experiência urbana é, em grande medida, determinada pelas condições que permitem o encontro e a convivência cotidiana. Essas perspectivas oferecem um referencial teórico para compreender como o centro de Florianópolis pode ser reinterpretado, buscando um equilíbrio entre mobilidade, permanência e convivência.



Considerando esse cenário, a proposta de criação de um Largo Cultural no centro de Florianópolis busca explorar alternativas para a reorganização e qualificação de espaços livres subutilizados. Ao articular diretrizes baseadas na escala humana, na valorização da paisagem e na promoção de atividades culturais, pretende-se investigar como tais intervenções podem ampliar as possibilidades de convivência, interação e vida pública no coração da cidade.

A cultura é compreendida não como programa isolado, mas como prática cotidiana inscrita no espaço urbano, capaz de mediar relações entre memória, uso e permanência. Nesse sentido, o Largo Cultural configura-se como um dispositivo urbano que reconhece o valor histórico do lugar e, simultaneamente, se abre a novos usos, tomando o cotidiano como matéria do projeto.

"A VIDA PÚBLICA EM ESPAÇOS DE BOA QUALIDADE É UMA PARTE IMPORTANTE DE UMA VIDA DEMOCRÁTICA"

Jan Gehl



II MOTIVAÇÃO

A motivação deste trabalho surge da articulação entre experiências acadêmicas recentes e a vivência cotidiana do centro de Florianópolis. A participação na Bienal de Extremos Climáticos (2025) evidenciou o potencial dos espaços localizados entre o Mercado Público, o TICEN e a Avenida Paulo Fontes, sobretudo por sua condição atual de passagem intensa, baixa permanência e predominância de estacionamentos de superfície. Ao analisar essa área para a implantação de módulos de refúgio urbano, tornou-se evidente que sua configuração poderia acolher usos mais qualificados e desempenhar um papel mais relevante na vida pública da cidade.

Paralelamente, a motivação é fortalecida pela relação pessoal contínua com esse território, observada no deslocamento diário e nas memórias construídas ao longo dos anos em torno do Mercado Público. Essa proximidade permite perceber suas potencialidades, fragilidades e transformações, reforçando o interesse em reinterpretar um espaço historicamente significativo, porém subutilizado. Assim, o trabalho nasce do desejo de transformar percepções empíricas em reflexão projetual, contribuindo para a qualificação da paisagem urbana e para o fortalecimento da convivência no centro de Florianópolis.

"Minha avó, que não sabia ler nem escrever, decifrava a cidade pelo som das ruas.
No Mercado Público, escolhia o peixe como quem reconhece um velho amigo.
Seu caminho, longo e cansado, brilhava de uma fé quieta que só ela carregava.
Atravessava o centro como quem atravessa um rito.
E deixou em mim a herança invisível de amar os lugares que guardam nossas histórias"

AMORIM, Jean 2025.



III OBJETIVOS

O trabalho tem como objetivo compreender como a transformação dos espaços livres subutilizados do centro de Florianópolis pode ampliar as possibilidades de convivência, encontro e presença no espaço público. Ao examinar áreas hoje dominadas pelo estacionamento de veículos, busca-se investigar de que modo sua ressignificação em locais de permanência, sombra e cultura pode contribuir para que o centro volte a ser um território vivido, capaz de acolher diferentes formas de estar juntos.

Essa investigação envolve também a articulação entre os diversos modos de deslocamento que convergem para a região — VLT, BRT, ciclovias e fluxos de pedestres — entendidos aqui não apenas como infraestrutura, mas como movimentos que revelam como as pessoas chegam, circulam e se relacionam com a cidade. A partir dessa leitura, o estudo pretende formular diretrizes para a criação de um Largo Cultural que recupere a dimensão pública do centro, fortalecendo sua memória, suas relações cotidianas e sua capacidade de oferecer um espaço onde a vida comum possa aparecer de forma mais plena.



BRASIL



SANTA CATARINA



FLORIANÓPOLIS



BAIRRO | CENTRO



Fonte: Carvalho, 2024.
Imagem Editada pelo autor, 2025

IV HERANÇAS HISTÓRICAS

A ocupação do território onde hoje se insere a cidade de Florianópolis antecede o período colonial e está associada à presença de povos indígenas que estabeleceram uma relação direta com os sistemas naturais da ilha, especialmente as áreas costeiras, cursos d'água e zonas de mangue. Vestígios arqueológicos, como os sambaquis, evidenciam uma ocupação contínua e estruturada, baseada na pesca, na coleta e na agricultura de subsistência, revelando uma lógica territorial profundamente vinculada ao ambiente natural.

A partir do século XVI, a Ilha de Santa Catarina passa a integrar as rotas marítimas do litoral sul brasileiro, assumindo papel estratégico na circulação entre o Sudeste e a região do Prata. Inicialmente utilizada como ponto de apoio para navegação e abastecimento, a ocupação permanente intensifica-se ao longo do século XVII, consolidando-se com a fundação do povoado de Nossa Senhora do Desterro, em 1675. A implantação da igreja matriz, voltada para o mar, estruturou o núcleo inicial da cidade e orientou a organização do traçado urbano, que se desenvolveu a partir de ruas paralelas e perpendiculares à linha da costa.

Esse traçado inicial, ainda perceptível no centro fundacional, revela uma forma urbana adaptada às condições topográficas e às dinâmicas econômicas da época, com forte relação entre espaço público, atividades comerciais e vida cotidiana. A permanência dessa estrutura ao longo do tempo evidencia a importância do centro como espaço simbólico e funcional, mesmo diante de sucessivas transformações urbanas.

No século XVIII, a cidade assume maior relevância política e militar no contexto da ocupação portuguesa do sul do Brasil. A criação da Capitania Subalterna de Santa Catarina e a chegada de colonos açorianos e madeirenses contribuíram para a expansão do núcleo urbano e para a consolidação de práticas culturais, econômicas e construtivas que marcaram a identidade local. A cidade passa a articular funções administrativas, comerciais e portuárias, fortalecendo sua centralidade na ilha.

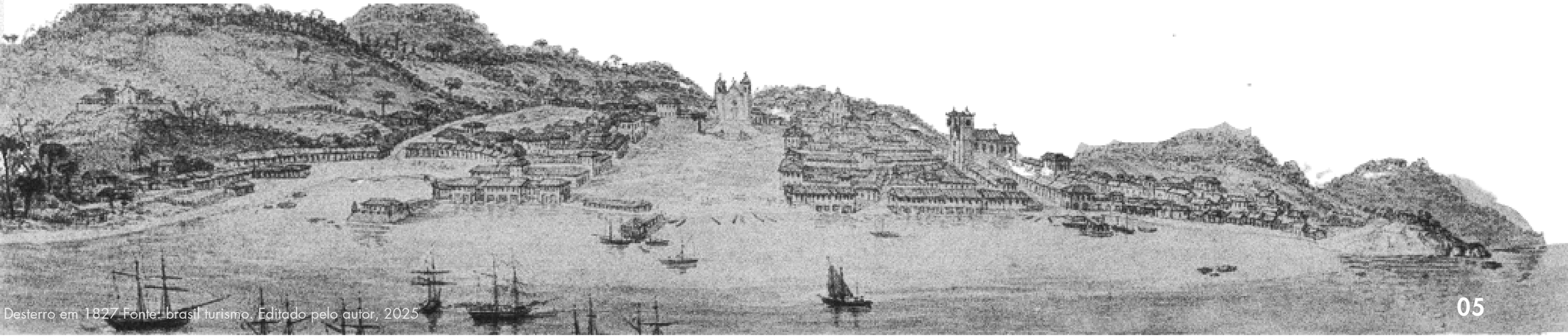
Entretanto, esse processo de consolidação também foi acompanhado por transformações socioespaciais excludentes. Conforme analisa Maria Inês Sugai (2002; 2015), a modernização urbana em Florianópolis esteve associada a mecanismos de valorização fundiária que promoveram o deslocamento progressivo das populações de menor renda para áreas periféricas e encostas próximas ao centro. O espaço central passa, gradualmente, a ser apropriado por funções administrativas e comerciais, enquanto a moradia popular é afastada das áreas valorizadas.

Na primeira metade do século XX, intervenções vinculadas ao urbanismo sanitarista intensificam esse processo. Obras de canalização de córregos, retificação de cursos d'água, abertura e alargamento de vias e ajardinamento de praças buscavam adequar a cidade aos ideais de salubridade e progresso. Essas ações, embora justificadas pelo discurso técnico, resultaram na remoção de habitações consideradas inadequadas e na reconfiguração do espaço urbano segundo critérios funcionais, alterando profundamente a relação entre cidade, natureza e vida cotidiana.


Praça xv de novembro, 1890(fonte: g1, 2014)


Rua Vidal Ramos, 1924(fonte: ndmais, 2016)


Rua Conselheiro Mafra e Praça XV de Novembro, década de 50 (fonte: ipuf)


Desterro em 1827 Fonte: brasil turismo. Editado pelo autor, 2025

ATERRO DA BAÍA SUL



Fonte: NSC Total (2023 | Largo da Alfândega

A ruptura mais significativa ocorre a partir da década de 1960, com a implantação do aterro da Baía Sul. Essa intervenção ampliou artificialmente o território urbano e possibilitou a instalação de grandes infraestruturas viárias e equipamentos de transporte, redefinindo a lógica de ocupação do centro. Segundo Sugai (2015), o aterro representou não apenas uma transformação física da paisagem, mas também a consolidação de um modelo urbano voltado à circulação de veículos, em detrimento da permanência e do uso cotidiano do espaço público.

O afastamento da orla, a canalização dos cursos d'água e a priorização da infraestrutura viária romperam a relação histórica entre o centro da cidade e o mar, elemento estruturador da ocupação inicial. Como consequência, o espaço central passa a concentrar fluxos intensos, mas perde gradualmente sua vitalidade como lugar de encontro, convivência e expressão cultural.

A implantação do aterro também redefiniu o papel funcional do centro de Florianópolis, que deixa de se estruturar como espaço de permanência e passa a operar, cada vez mais, como área de passagem e articulação de fluxos metropolitanos. Grandes equipamentos de transporte e infraestrutura passam a ocupar áreas estratégicas, consolidando uma paisagem marcada por vazios urbanos, fragmentação espacial e baixa qualidade ambiental, especialmente nas áreas de transição entre o centro histórico e o aterro.

Essas transformações impactaram diretamente a dinâmica social da área central. A intensificação dos fluxos viários e a perda de espaços públicos qualificados contribuíram para o esvaziamento de práticas cotidianas, culturais e informais que historicamente caracterizavam o centro da cidade. Elementos associados à memória urbana e à identidade coletiva — como o contato com a água, os percursos pedonais e os espaços de sociabilidade — foram progressivamente enfraquecidos, comprometendo o sentimento de pertencimento da população em relação ao centro.

Ainda assim, o centro de Florianópolis permanece como território estratégico na estrutura urbana, concentrando patrimônio histórico, equipamentos públicos, comércio, serviços e sistemas de transporte coletivo. A sobreposição de camadas históricas, aliada à presença de áreas subutilizadas resultantes dos processos de modernização urbana, revela um contexto marcado por permanências e rupturas, mas também por um potencial latente de requalificação.

Dessa forma, o centro configura-se hoje como um espaço tensionado entre memória e infraestrutura, entre permanência e deslocamento. Compreender esse processo histórico de formação, transformação e ruptura torna-se fundamental para pensar intervenções que busquem reaproximar a cidade de sua paisagem, resgatar a dimensão social do espaço público e reconstruir a relação entre o centro urbano, a cultura e o cotidiano da população. É nesse contexto que se insere a área de estudo deste trabalho.



Fonte: NSC Total (2023 | Rodoviária e Aterro



Fonte: NSC Total (2023 | Antigo Terminal de Praias

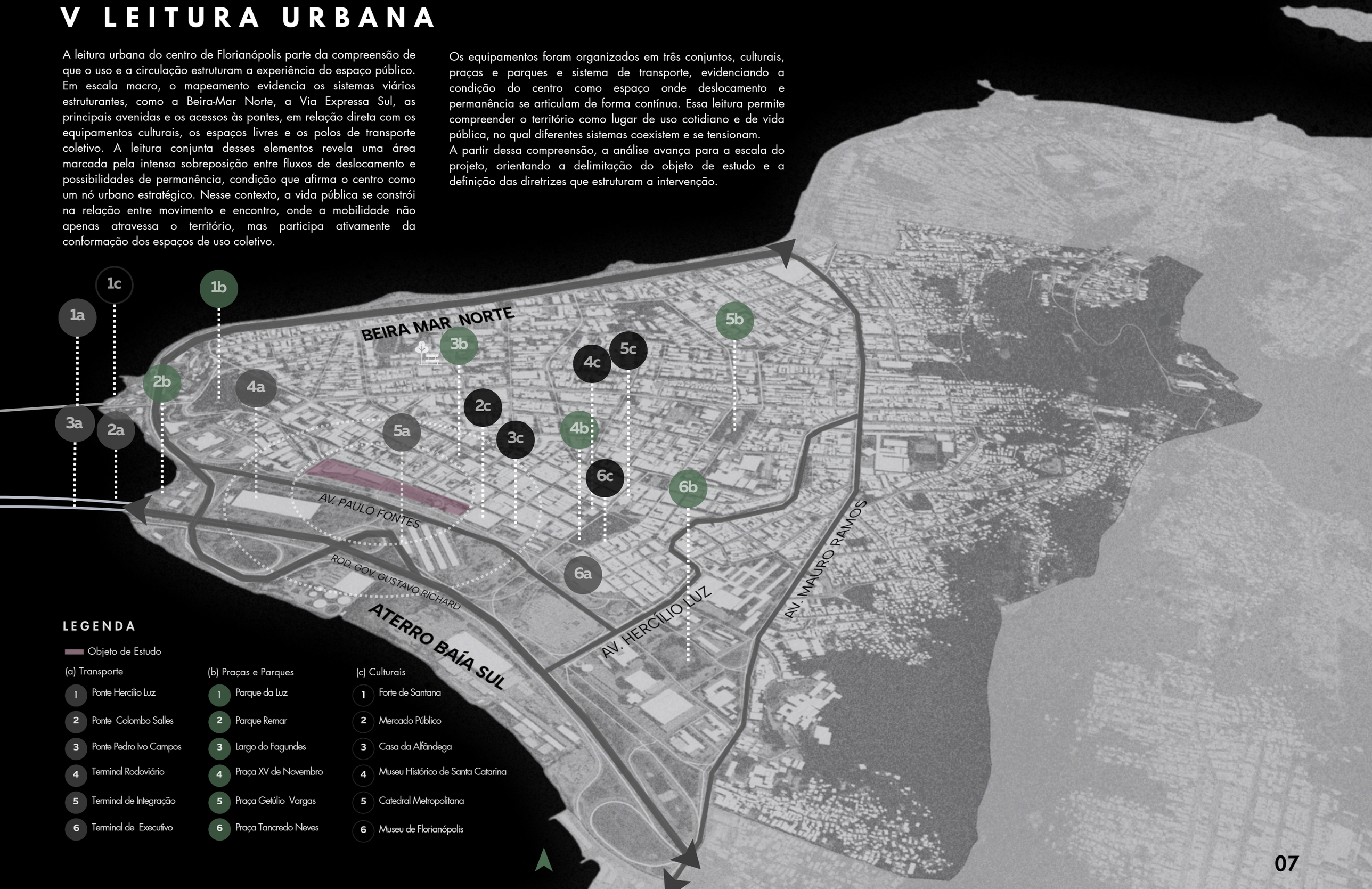


Fonte: NSC Total (2023 | Aterro da Baía Sul

V LEITURA URBANA

A leitura urbana do centro de Florianópolis parte da compreensão de que o uso e a circulação estruturam a experiência do espaço público. Em escala macro, o mapeamento evidencia os sistemas viários estruturantes, como a Beira-Mar Norte, a Via Expressa Sul, as principais avenidas e os acessos às pontes, em relação direta com os equipamentos culturais, os espaços livres e os polos de transporte coletivo. A leitura conjunta desses elementos revela uma área marcada pela intensa sobreposição entre fluxos de deslocamento e possibilidades de permanência, condição que afirma o centro como um nó urbano estratégico. Nesse contexto, a vida pública se constrói na relação entre movimento e encontro, onde a mobilidade não apenas atravessa o território, mas participa ativamente da conformação dos espaços de uso coletivo.

Os equipamentos foram organizados em três conjuntos, culturais, praças e parques e sistema de transporte, evidenciando a condição do centro como espaço onde deslocamento e permanência se articulam de forma contínua. Essa leitura permite compreender o território como lugar de uso cotidiano e de vida pública, no qual diferentes sistemas coexistem e se tensionam.
A partir dessa compreensão, a análise avança para a escala do projeto, orientando a delimitação do objeto de estudo e a definição das diretrizes que estruturam a intervenção.



ANALÍSE CLIMÁTICA

As condições ambientais das áreas centrais têm papel decisivo na forma como o espaço público é vivido, percorrido e apropriado no cotidiano urbano. Segundo dados do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), Florianópolis apresenta temperaturas elevadas em determinados períodos do ano, com registros que podem ultrapassar 33 °C. Em razão de sua condição insular, a elevada umidade relativa do ar intensifica a sensação térmica nos períodos mais quentes, dificultando a dissipação do calor pelo corpo e ampliando o desconforto ambiental. O clima, nesse contexto, deixa de atuar como pano de fundo e passa a interferir diretamente na experiência cotidiana da cidade.

A leitura ambiental do centro de Florianópolis, apoiada em mapas de distribuição térmica e cobertura vegetal, evidencia a associação entre adensamento urbano, impermeabilização do solo e elevação das temperaturas médias. Nas áreas centrais, onde se concentram atividades comerciais, serviços e sistemas de transporte, observa-se a redução de espaços sombreados e a predominância de superfícies construídas, configurando um ambiente no qual a permanência se torna limitada, apesar da intensa presença humana.

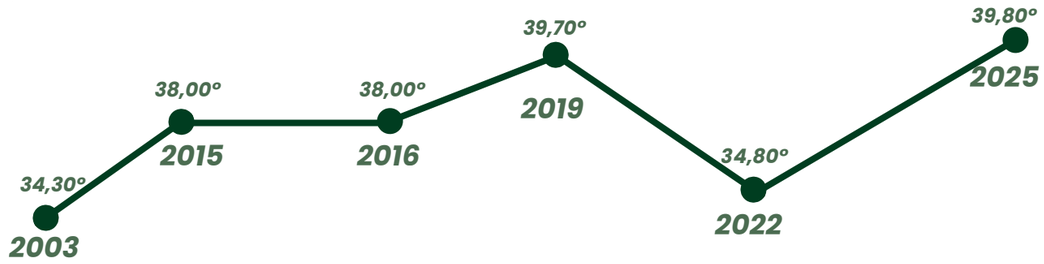
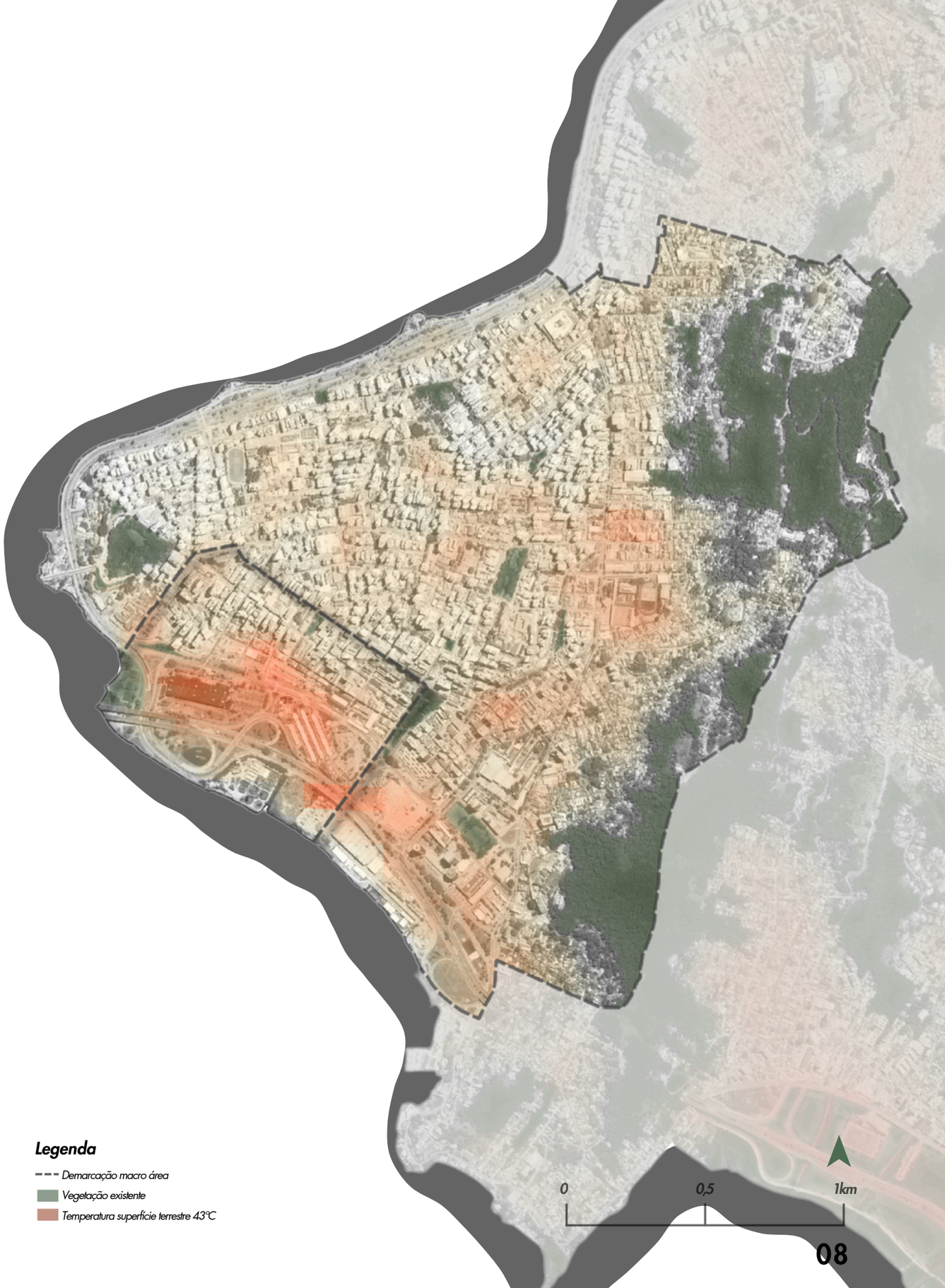


Gráfico 01| Ranking das maiores temperaturas diárias em Florianópolis de 2003 A 2025 Dados INMET.

O entorno do Mercado Público exemplifica essa condição de forma expressiva. A área, profundamente transformada pelos sucessivos aterros da Baía Sul e pela consolidação de infraestruturas viárias associadas, apresenta hoje uma paisagem marcada pela predominância de superfícies impermeáveis e pela baixa presença de arborização. Embora concentre atividades culturais, comerciais e turísticas e registre intensa circulação cotidiana, a configuração espacial resultante dessas intervenções limita as possibilidades de permanência e apropriação do espaço público. A vida urbana manifesta-se de forma contínua, porém orientada sobretudo pelo deslocamento, revelando um ambiente no qual o estar cede lugar à passagem.

A leitura integrada desses fatores permite compreender o centro não apenas como suporte de infraestruturas e fluxos, mas como um território no qual as condições ambientais incidem diretamente sobre a possibilidade de presença, permanência e convivência. O clima, a forma construída e a organização dos espaços livres atuam conjuntamente, condicionando a maneira como os corpos ocupam, atravessam e permanecem no espaço público. Nesse sentido, a análise ambiental constitui uma base crítica para investigar como áreas centrais consolidadas podem voltar a sustentar a vida pública, reconhecendo o espaço comum como lugar de aparição, encontro e partilha, no qual a experiência urbana ultrapassa o deslocamento funcional e se afirma como prática coletiva.



CORREDORES VERDES

Os corredores verdes são concebidos como eixos estratégicos de estruturação do espaço público, acompanhando percursos cotidianos que atravessam o centro de Florianópolis e conectam áreas livres, equipamentos urbanos e frentes de água. Organizados como uma rede contínua, esses eixos articulam espaços hoje fragmentados, estabelecendo relações entre deslocamento, permanência e uso coletivo da cidade. Mais do que uma resposta ambiental, a proposta reconhece o conforto climático como condição para a vida pública. Em um território marcado pela impermeabilização do solo e pela escassez de arborização, os corredores qualificam o caminhar, oferecem sombra e reorganizam a experiência do deslocamento na escala do corpo. A vegetação integra o desenho urbano como elemento estruturador do percurso, contribuindo para a criação de continuidade espacial e para a ampliação do tempo de permanência nos espaços centrais.



Legenda

Áreas verdes existentes

Sistema de corredores verdes e arborização

0 0,5 1km

Ao conectar eixos urbanos existentes, os corredores verdes reforçam o espaço público como lugar de aparecimento e encontro, onde a cidade deixa de ser apenas atravessada e passa a ser vivida. Entre o movimento e a pausa, o projeto afirma a dimensão cotidiana da vida urbana, reconhecendo que é na experiência compartilhada do espaço que se constrói a possibilidade de convivência.



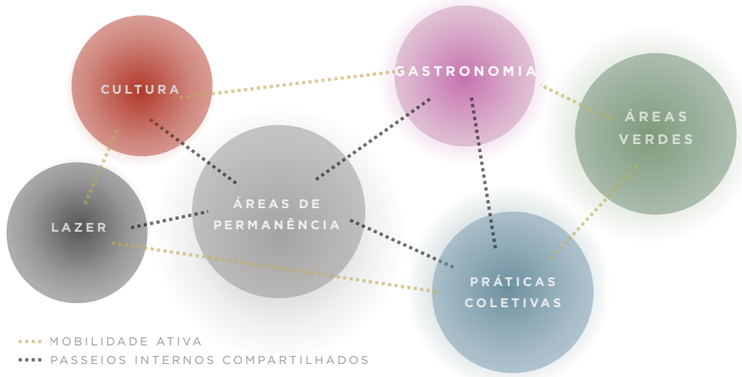
Legenda

Áreas verdes existentes

Sistema de corredores verdes e arborização

PERCURSO URBANO

A construção de um percurso urbano parte da compreensão do espaço público como um sistema contínuo, no qual diferentes lugares se articulam e se complementam. A conexão entre áreas verdes, espaços de lazer e de convivência estabelece uma base territorial capaz de ampliar a circulação, favorecer a permanência e estruturar uma experiência urbana integrada.



A proposta de corredores verdes emerge como resposta à fragmentação espacial do centro de Florianópolis e à dificuldade de estabelecer continuidade entre espaços públicos, equipamentos urbanos e a orla. Mais do que a inserção pontual de áreas vegetadas, os corredores são compreendidos como dispositivos de costura urbana, capazes de reconectar territórios hoje separados por infraestruturas viárias e áreas subutilizadas. Nessa leitura, a vegetação atua como meio de qualificação do espaço público, ampliando as condições de permanência, conforto ambiental e legibilidade da paisagem.

Associado a essa estrutura, o percurso urbano é concebido como uma estratégia macro de articulação entre cultura, mobilidade e vida cotidiana. O traçado proposto integra áreas de relevância ambiental, cultural e simbólica, conectando o Parque da Luz, o Parque Remar, a área do Armazém Rita Maria, o Mercado Público, o Largo da Alfândega e a Praça XV, estabelecendo uma sequência contínua de espaços de encontro, circulação e permanência. Essa articulação reforça a centralidade do espaço público como lugar de convivência, onde deslocar-se e permanecer deixam de ser ações dissociadas.

A presença de equipamentos culturais, espaços livres e polos de transporte coletivo ao longo desse percurso fortalece sua condição de eixo estruturador da vida urbana. Ao reconhecer os fluxos já existentes e potencializá-los por meio de espaços mais legíveis e acolhedores, a proposta busca reaproximar o centro da experiência cotidiana das pessoas, valorizando o caminhar, o encontro e o uso compartilhado da cidade.

A aproximação com a Baía Sul constitui elemento central dessa estratégia. Os corredores e percursos propostos operam como transições entre o tecido urbano consolidado e a paisagem costeira, enfrentando os efeitos do aterro e da baixa arborização que historicamente romperam a relação entre cidade e mar. Ao restituir essa conexão, a proposta afirma o espaço público como condição fundamental para que a vida urbana possa, novamente, aparecer de forma plena, sensível e coletiva.



Fonte: Elaborado pelo Autor

Legenda

Eixo Cultural

Eixos de Conexão

Percurso Urbano

Áreas Gastronômicas I Eventos

Áreas Verdes I Corredores

Praticas Coletivas I Esportes I Áreas de Lazer

Mobilidade Urbana

0 0,5 1km

Área de Intervenção

O objeto de estudo localiza-se no centro de Florianópolis, no entorno imediato do Mercado Público, ao longo da Avenida Paulo Fontes, em área atualmente ocupada por estacionamentos e infraestruturas viárias. Trata-se de um recorte urbano marcado pela intensa circulação de pessoas e veículos, articulando a Rodoviária, o TICEN e os principais eixos de acesso ao centro fundacional. Apesar de sua centralidade e relevância simbólica, o espaço configura-se predominantemente como área de passagem, com baixa oferta de espaços qualificados para permanência e convivência. A presença de edificações históricas no entorno impõe restrições à ocupação edificada, ao mesmo tempo em que evidencia o potencial do terreno para a requalificação dos espaços livres como suporte da vida pública.



O entorno do Mercado Público e das áreas adjacentes configura-se como um território de uso intensivo e heterogêneo, frequentado por diferentes grupos sociais ao longo do dia. Trabalhadores, comerciantes, estudantes e usuários do transporte coletivo compartilham o espaço com feirantes, ambulantes, artistas urbanos, ciclistas e visitantes ocasionais. Essa diversidade de presenças revela o centro como lugar de cruzamento de rotinas, tempos e práticas distintas, onde a cidade se manifesta de forma contínua

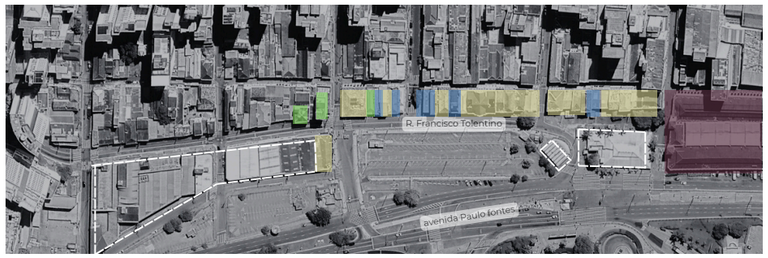
A coexistência entre circulação acelerada e usos informais evidencia um espaço público vivido predominantemente em movimento. Embora a presença humana seja constante, as condições espaciais atuais limitam as possibilidades de permanência, encontro e expressão coletiva. Atividades culturais espontâneas, eventos e manifestações pontuais surgem como apropriações temporárias, indicando a capacidade do lugar de acolher a vida pública, ainda que de modo fragmentado e instável.

Essa leitura reforça a compreensão do espaço urbano como resultado direto da ação e da presença das pessoas. Mais do que um suporte físico, o território analisado revela-se como um campo de relações, no qual diferentes corpos, usos e interesses tornam visível a dimensão pública da cidade. Reconhecer esses sujeitos e suas práticas é fundamental para orientar intervenções que não apenas reorganizem fluxos, mas ampliem as condições de convivência, permanência e participação no espaço comum.





Preservação Histórica



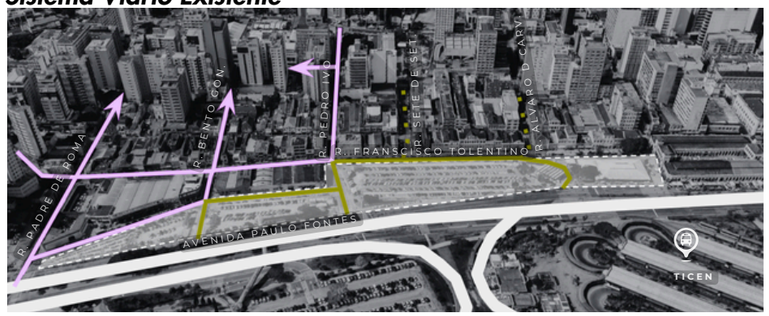
Níveis de Tombamento

Tombamento P-1 | Tombamento P-2 | Tombamento P-3 | APC - Área de Preservação Cultural

Retirada Camelódromo | Lanchonete | Edificações

A presença do patrimônio edificado no entorno do Mercado Público estabelece uma relação direta entre memória urbana e espaço público. Mais do que impor limites à transformação, esse conjunto histórico orienta o projeto a atuar prioritariamente sobre o solo e sobre as condições de uso coletivo, reconhecendo o valor simbólico do mercado como lugar de referência na vida cotidiana da cidade. Nesse sentido, a retirada do camelódromo e de estruturas provisórias associadas permite ampliar a permeabilidade visual e física do espaço, restabelecendo a leitura do Mercado Público em sua totalidade e fortalecendo sua relação com o entorno. A liberação do campo visual e dos percursos contribui para a constituição de um espaço aberto, acessível e contínuo, no qual o patrimônio deixa de ser apenas pano de fundo e passa a integrar, de forma ativa, a experiência urbana e a vida pública. A impossibilidade de inserção de novos volumes edificados à frente das fachadas históricas reforça a opção por intervenções no espaço livre, orientadas pela qualificação do solo, dos percursos e das áreas de permanência.

Sistema Viário Existente



LEGENDA — Vias Removidas — Vias Compartilhadas

O fechamento e a reconfiguração de trechos do sistema viário existente são entendidos como estratégias de reorganização do espaço público no centro de Florianópolis. A leitura do traçado atual evidencia a predominância de vias voltadas ao fluxo contínuo de veículos, especialmente ao longo da Avenida Paulo Fontes, condição que fragmenta o tecido urbano e limita as possibilidades de travessia, permanência e uso coletivo do espaço. Essa lógica reforça o caráter de passagem do centro, em detrimento de sua dimensão cotidiana e relacional. A supressão e o compartilhamento pontual de vias buscam redefinir a hierarquia viária, deslocando o protagonismo do automóvel para os modos ativos e para o uso público do solo. Ao reduzir a velocidade e a intensidade do tráfego, cria-se maior permeabilidade física e visual entre os equipamentos existentes, permitindo que a circulação passe a coexistir com atividades de encontro, permanência e convivência, fundamentais para a qualificação da vida urbana e para a retomada do espaço público como lugar de experiência coletiva.

Proposta de Mobilidade

A proposta de mobilidade parte da reorientação do sistema viário para os modos ativos, reconhecendo a bicicleta como instrumento fundamental de leitura, travessia e apropriação do espaço urbano. A implantação da ciclovia ao longo do eixo da Avenida Paulo Fontes busca costurar áreas hoje fragmentadas, conectando equipamentos estratégicos, áreas verdes e espaços de permanência, ao mesmo tempo em que reduz a dependência do automóvel em deslocamentos curtos e cotidianos. A mobilidade deixa de ser apenas deslocamento eficiente e passa a estruturar uma experiência urbana mais contínua e acessível. Ao inserir a ciclovia como elemento estruturador do percurso urbano, a proposta reforça a escala humana do centro e amplia as possibilidades de presença no espaço público.

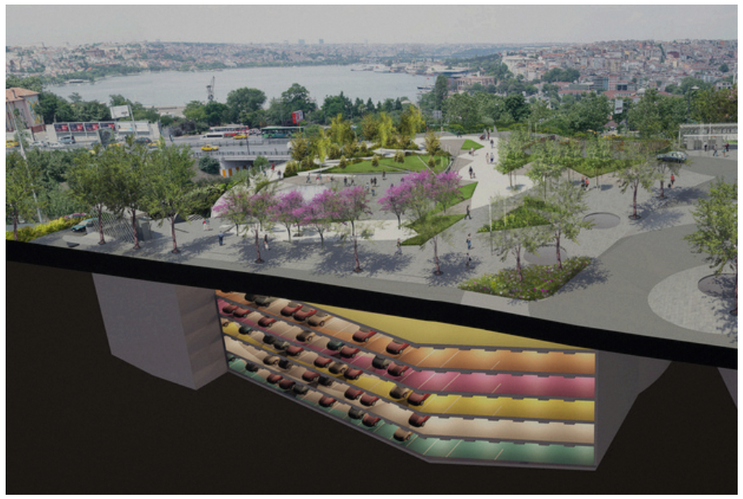


A proposta de mobilidade coletiva estrutura-se a partir da articulação entre modos de transporte de diferentes escalas, priorizando a experiência do pedestre e a ativação do espaço público. O VLT é inserido ao longo da Avenida Paulo Fontes como um sistema de deslocamento de escala humana, integrado à ciclovia e ao percurso urbano, permitindo uma travessia mais lenta, legível e conectada ao cotidiano do centro. Sua implantação reforça a continuidade espacial entre equipamentos culturais, áreas de lazer e frentes ativas, aproximando mobilidade e vida urbana. Em paralelo, o BRT assume o papel de infraestrutura de maior capacidade, concentrando os fluxos municipais e intermunicipais no eixo norte–sul. A implantação de uma estação estratégica entre a Rodoviária e o TICEN consolida esse ponto como nó de integração metropolitana, reduzindo a pressão de tráfego sobre o centro histórico. **A combinação entre VLT e BRT** estabelece um sistema complementar, no qual a mobilidade não se impõe ao espaço urbano, mas passa a organizá-lo a partir das necessidades de uso, permanência e encontro das pessoas.Ao articular VLT, BRT e mobilidade ativa, a proposta estrutura um sistema de deslocamentos orientado à escala humana, no qual o movimento deixa de ser apenas passagem e passa a sustentar a vida urbana. Mais do que otimizar fluxos, a mobilidade é compreendida como suporte para a permanência, o encontro e o uso cotidiano do espaço público, reafirmando o centro como lugar de presença.



PARQUE ŞIŞHANE

Sanalarq
Turquia - Istambul
2014



O Sishane Park é uma intervenção urbana inovadora no centro de Istambul, que busca reconectar moradores e visitantes com a natureza em meio à densidade da cidade. Integrado às paisagens do Corno de Ouro (Haliç), o parque reúne áreas para eventos culturais e espaços mais reservados para lazer e convivência. Seu design se destaca por três elementos principais — o silhouette walk, os decks e uma área ao ar livre — todos envoltos por vegetação nativa. Um estacionamento para 1.000 veículos, integrado a outros meios de transporte, garante um fluxo dinâmico e reforça o papel do parque como ponto de encontro e circulação urbana.





MERCADO PÚBLICO

Concurso Público - Leonardo Mäder
Florianópolis - Santa Catarina
2010



O projeto de requalificação do Largo do Mercado Público de Florianópolis valoriza o espaço público e resgata a convivência social. A proposta integra o novo "Shopping Popular" ao entorno com uma arquitetura em faixas que se estende da praça até a Rua Pedro Ivo, unificando o espaço urbano. A cobertura do edifício amplia a área verde e funciona como extensão da praça. Um estacionamento subterrâneo, com acessos estratégicos, atende à demanda local e libera o solo para usos mais dinâmicos. A nova esplanada reforça a integração social e valoriza os edifícios históricos e o próprio Mercado Público.



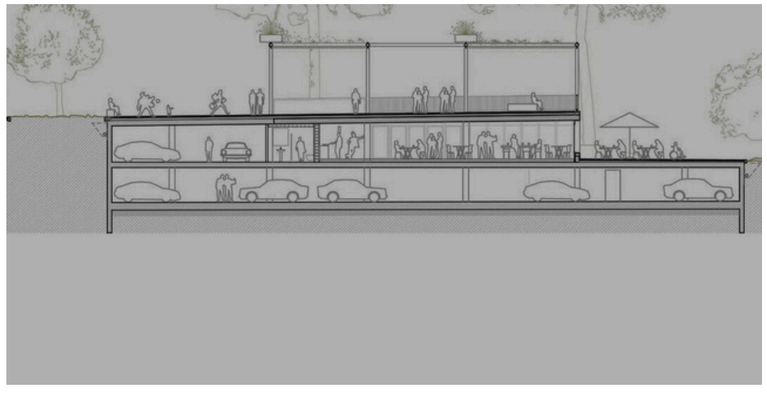


PLAZA MALLORCA

Son Estudi
Inca, Espanha
2021



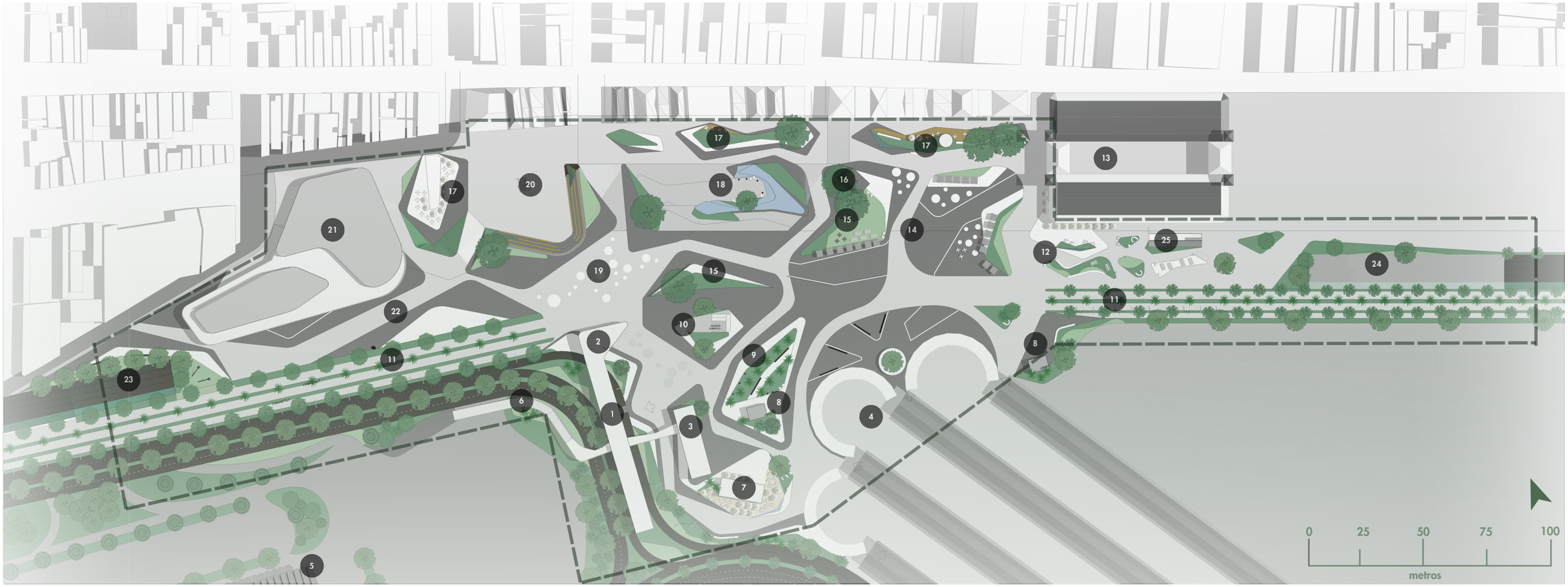
Este projeto propõe a transformação de uma praça pública existente, aprimorando seus elementos e qualidades para torná-la mais funcional e preparada para usos futuros. Localizada em um ponto estratégico entre o centro histórico e diferentes áreas urbanas de Inca, a praça é atravessada por intensos fluxos de pedestres e veículos. A proposta busca conciliar mobilidade, acessibilidade e permanência, criando um espaço mais seguro, atrativo e integrado à cidade. Em resposta aos problemas urbanos e à demanda por requalificação, a prefeitura lançou em 2016 um concurso público para sua renovação.





IX A PROPOSTA

IMPLANTAÇÃO TÉRREO



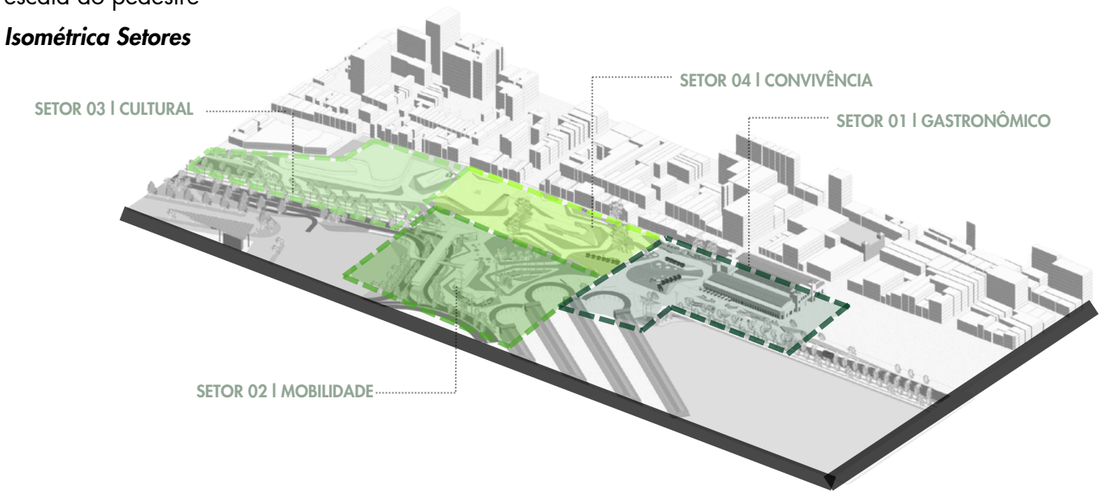
Legenda

1. Estação BRT
2. Estação VLT
3. Setuf
4. Terminal Integrado - TICEN
5. Rodoviária - Rita Maria
6. Passarela Rita Maria
7. Bar e Café
8. Módulo Refugio
9. Espaço de Convivência
10. Acesso Subsolo
11. Linhas de VLT
12. Espaço Gastronômico
13. Mercado Público
14. Feiras Temporárias
15. Espaço de Permanência
16. Banheiro Público
17. Estar Coletivo | Quiosques
18. Espaço de Contemplação
19. Espaço de Manifestações Culturais
20. Anfiteatro
21. Centro Cultural
22. Patio das Artes
23. Entrada Avenida Paulo Fontes
24. Saída Avenida Paulo Fontes
25. Carga e Descarga | Camâra de Refrigeração

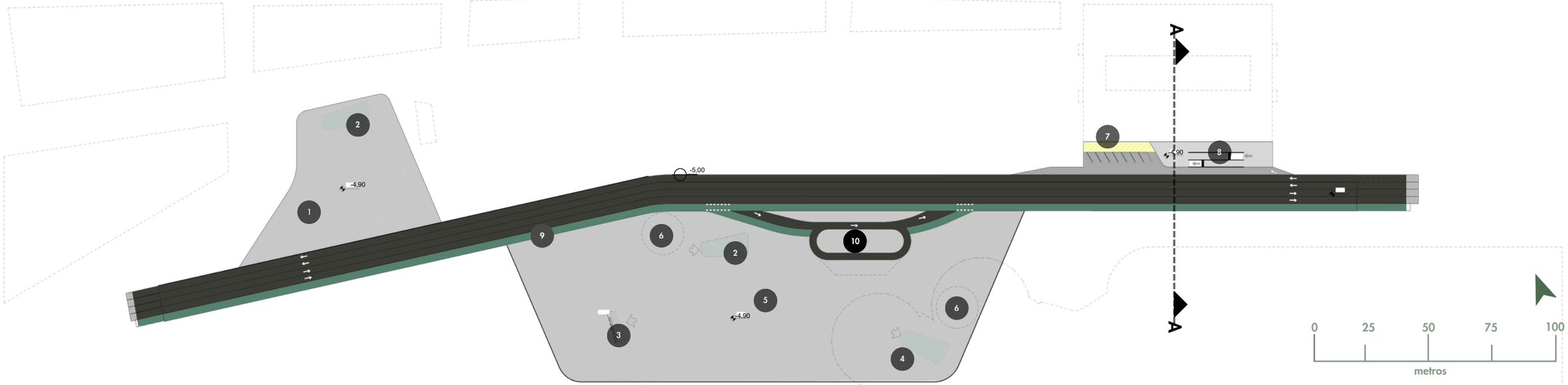
Área de Intervenção | Largo Cultural

A implantação do Largo Cultural organiza-se como um sistema contínuo de espaços públicos, estruturado em quatro setores complementares, que reconfiguram a relação entre o Mercado Público, a Rodoviária e os modais de transporte coletivo. Cada setor concentra programas específicos — culturais, gastronômicos, de convivência e mobilidade — articulados por um percurso prioritariamente pedonal, acessível e sombreado. O conjunto promove permanência, diversidade de usos e leitura clara do espaço, fortalecendo a vitalidade urbana e a experiência na escala do pedestre

Isométrica Setores



IMPLANTAÇÃO SUBSOLO



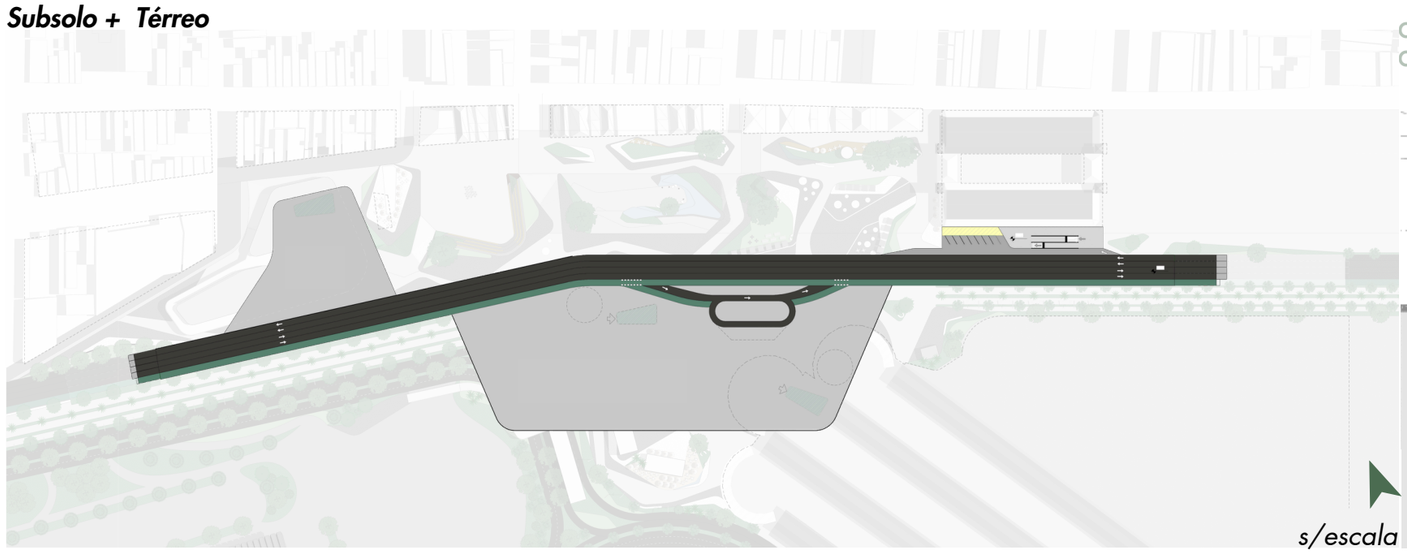
Legenda

- Projeção Edificações Existentes
- 1 Estacionamento Centro Cultural
- 2 Acesso Térreo Largo Cultural
- 3 Acesso Térreo BRT
- 4 Acesso Térreo TICEN
- 5 Estacionamento Público
- 6 Bicicletário
- 7 Área de Carga e Descarga
- 8 Acesso de Serviço
- 9 Ciclovia
- 10 Paradouro

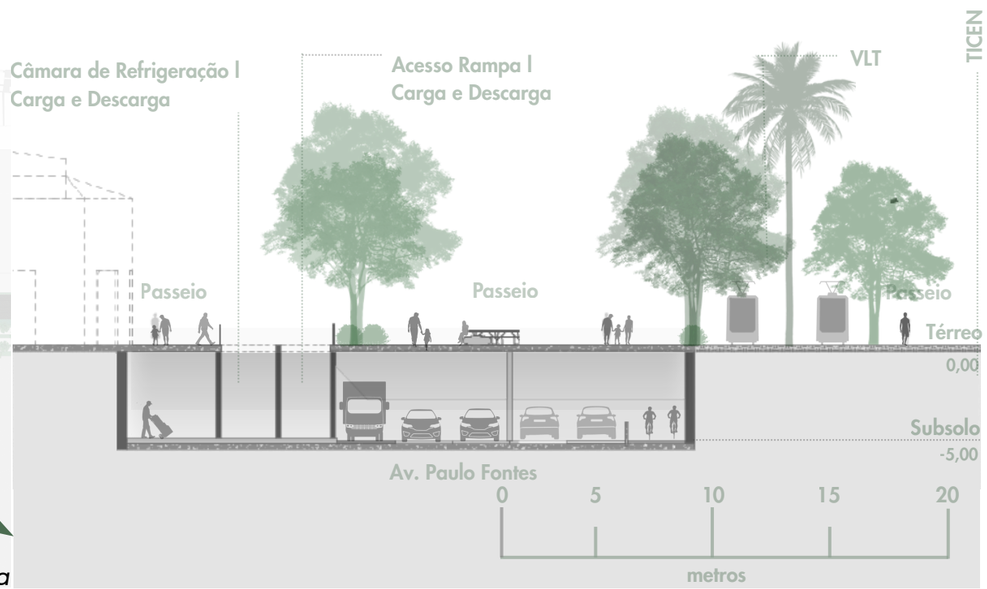
A implantação do subsolo constitui uma estratégia fundamental para a reorganização do sistema viário e para a liberação da superfície como espaço prioritariamente público. Ao deslocar fluxos veiculares, estacionamentos, ciclovia e áreas técnicas para o nível inferior, a proposta reduz a pressão do automóvel sobre o térreo, permitindo que o espaço à cota zero seja destinado à permanência, ao encontro e às atividades culturais. O subsolo deixa de operar apenas como infraestrutura oculta e passa a integrar a lógica do projeto urbano, funcionando como suporte técnico para a qualificação do espaço coletivo.

Nesse sentido, o subsolo articula acessos controlados ao Centro Cultural, ao BRT, ao TICEN e às áreas de serviço, além de abrigar um percurso cicloviário contínuo, protegido e integrado aos fluxos de mobilidade. A ciclovia em nível inferior garante conforto térmico, segurança e fluidez, conectando-se aos eixos urbanos sem interferir na vivência do largo. Ao concentrar usos de caráter técnico e de deslocamento abaixo do nível da rua, a proposta reforça a leitura do térreo como um grande espaço público contínuo e acessível, no qual a escala humana, a paisagem e a convivência tornam-se protagonistas.

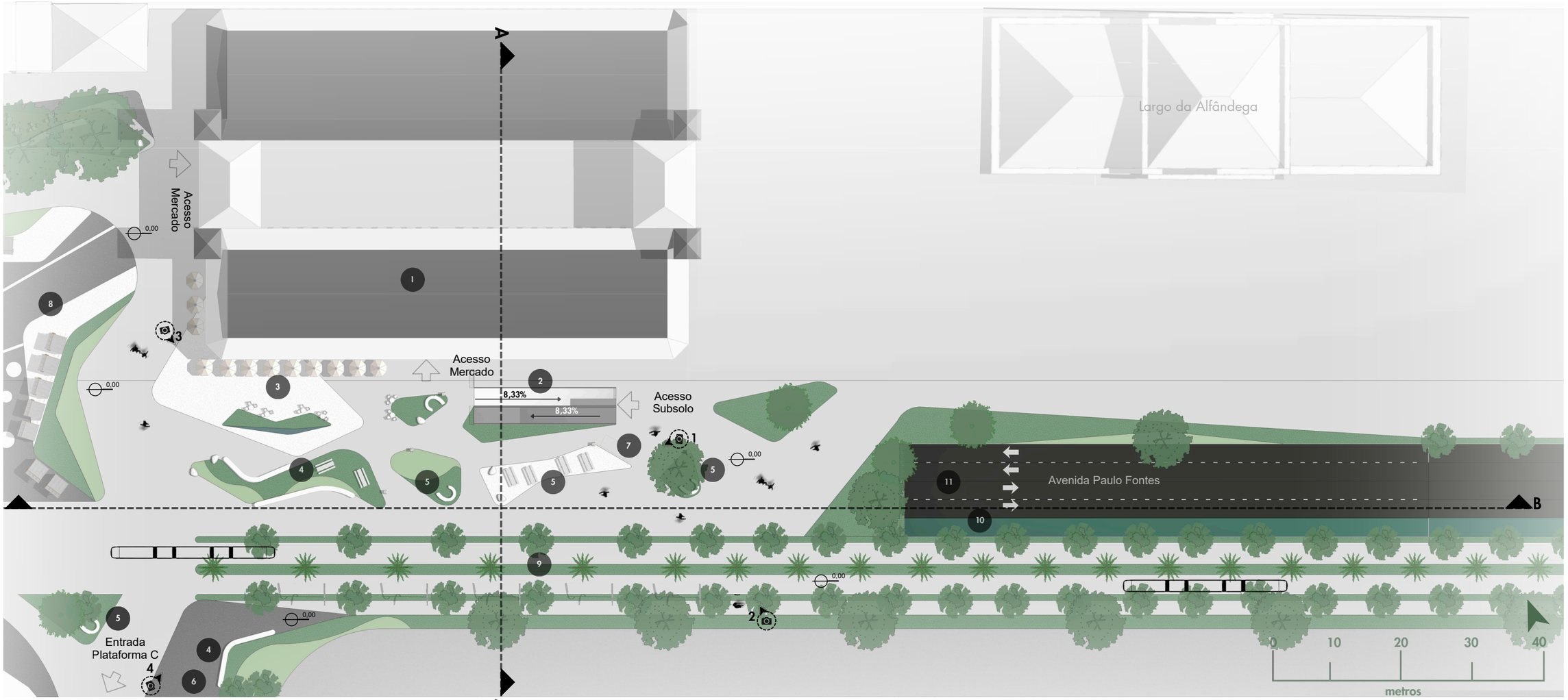
Subsolo + Térreo



s/escala



SETOR 01 I GASTRÔNOMICO

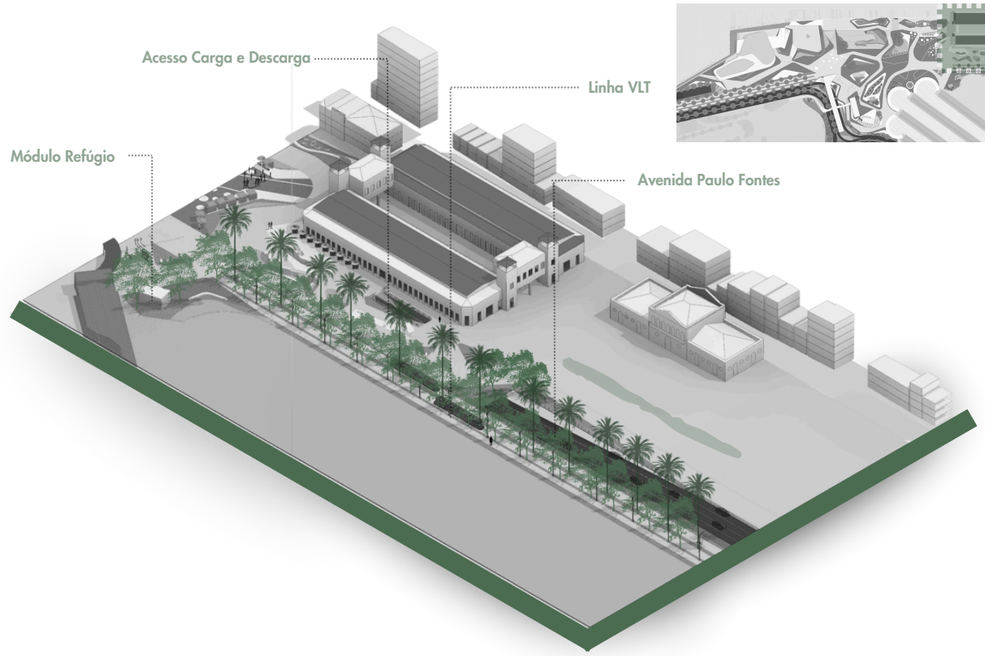


Legenda

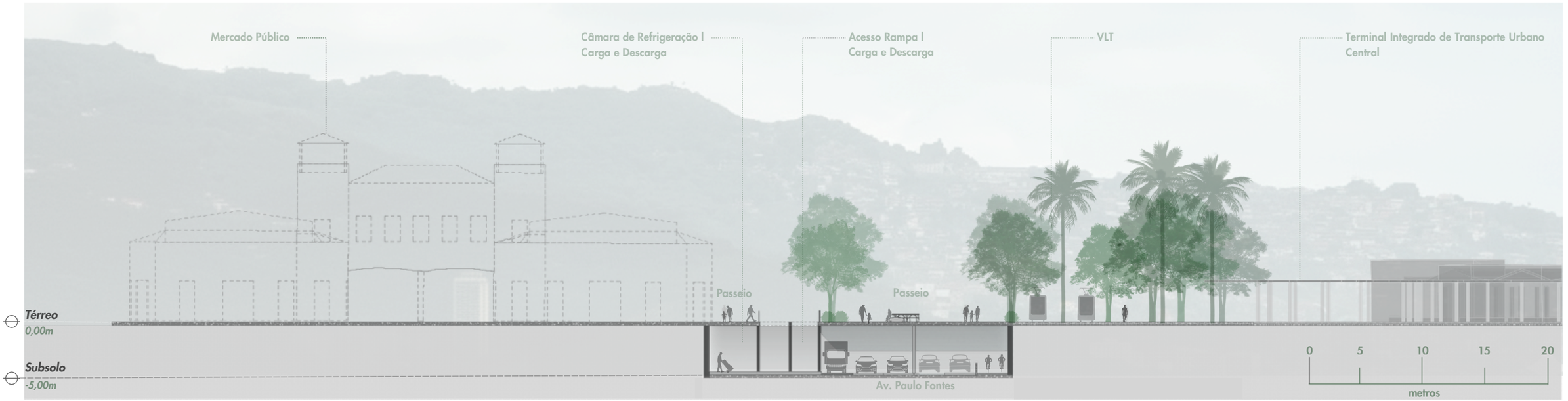
1. Mercado Público
2. Acesso Carga e Descarga
3. Área Gastronômica
4. Área de Estar e Encontro
5. Área de Permanência
6. Módulo de Refugio
7. Bicicletário
8. Feiras Temporárias
9. Linha VLT
10. Ciclovia Bidirecional
11. Avenida Paulo Fontes
- Perspectivas Imagens

O **Setor 01** se configura como a área de transição entre o Mercado Público e o Largo Cultural, assumindo papel fundamental na ativação do espaço urbano e na organização dos fluxos de pedestres. A proposta prioriza a permanência, o encontro e o uso cotidiano, articulando áreas sombreadas, espaços de estar e usos temporários que dialogam diretamente com a dinâmica já existente do mercado. O desenho do espaço estrutura-se a partir de percursos amplos e contínuos, com tratamento do piso que orienta os fluxos e diferencia áreas de circulação e permanência. A inserção de feiras temporárias, área gastronômica e módulos de apoio permite flexibilidade de uso ao longo do dia, garantindo vitalidade constante e adaptação a diferentes escalas de evento, sem comprometer a leitura do conjunto. A relação com a Avenida Paulo Fontes é resolvida por meio da separação clara entre fluxos veiculares e pedonais, garantindo segurança, conforto e acessibilidade. O setor consolida-se como espaço de chegada, encontro e distribuição, funcionando como porta urbana do Largo Cultural e fortalecendo a integração entre patrimônio histórico, espaço público e mobilidade

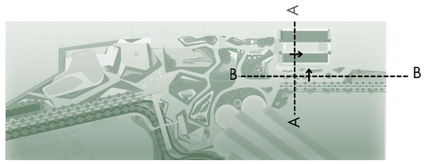
Perspectiva

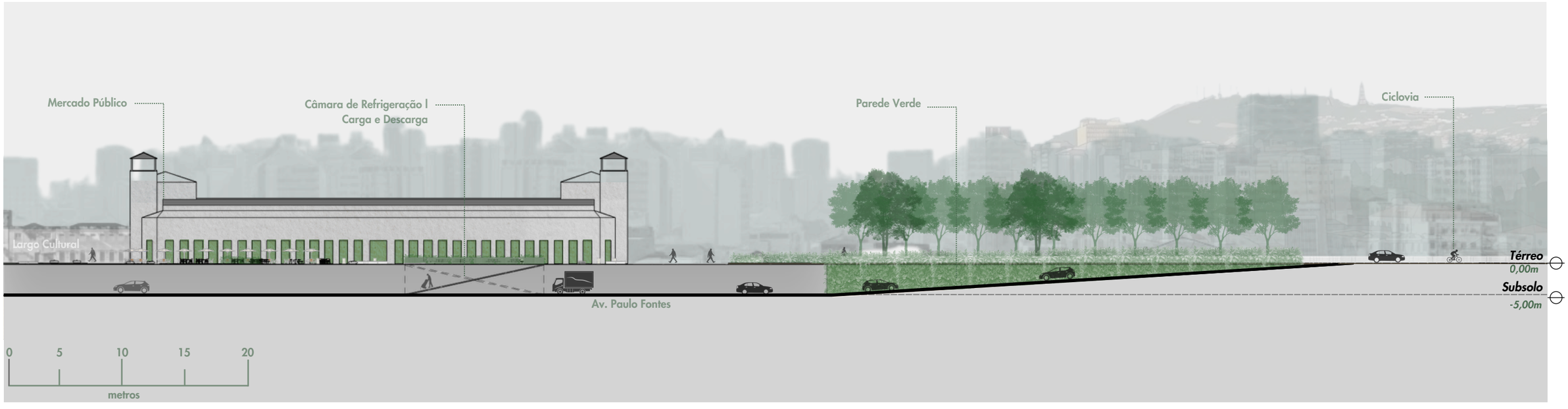


Localização



Corte AA





Corte BB

Figura 01 - Ambiência Setor 01



Fonte: Autoral,2025

Figura 02 - Ambiência Setor 01



Fonte: Autoral,2025

No Setor 01, a qualificação do espaço público parte da escala do pedestre, organizando o percurso como uma caminhada sombreada e confortável que orienta os fluxos e convida à permanência. Nesse contexto, a implantação do VLT assume papel estruturador da mobilidade local, articulando o deslocamento coletivo com o percurso pedonal e reforçando a integração entre transporte e espaço público. A presença do modal contribui para a legibilidade do percurso e para a dinamização do entorno imediato. A vitalidade do térreo é ainda reforçada pela atividade constante do Mercado Público, cuja presença diversifica os usos e mantém o espaço ativo ao longo do dia.

Figura 03 - Ambiência Setor 01 | Mercado e VLT



Fonte: Autoral,2025

Figura 04 - Ambiência Setor 01 | Módulo Refúgio

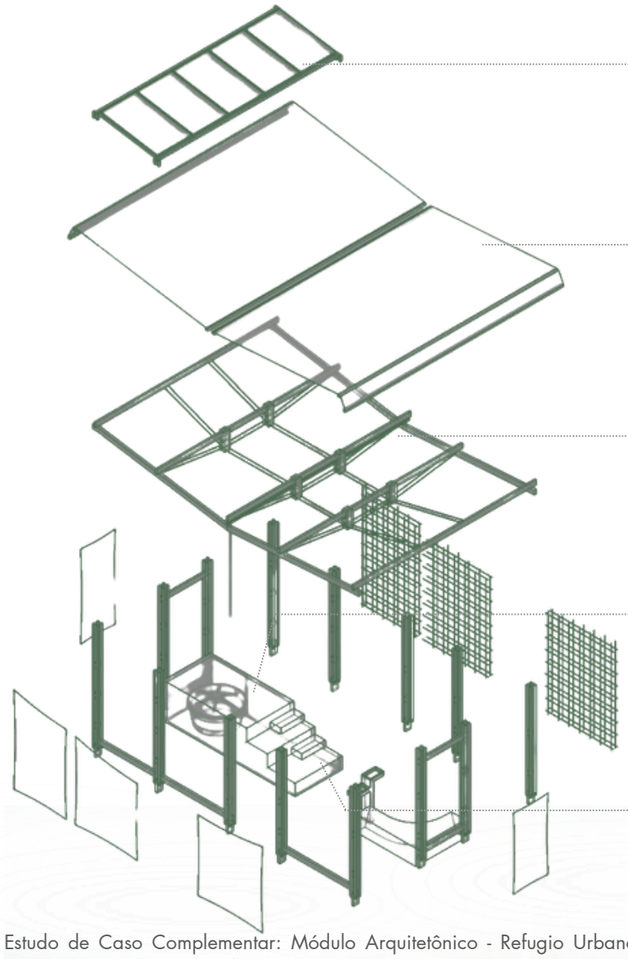


Fonte: Autoral,2025

Nesta porção voltada ao Mercado Público, evidencia-se a convivência entre diferentes ritmos urbanos. O VLT aproxima o transporte coletivo do espaço de uso cotidiano, tornando o acesso mais direto e facilitando a circulação entre setores do conjunto. Ao lado dele, o módulo de refúgio funciona como uma pequena estrutura de acolhimento, oferecendo sombra, assentos e uma escala mais humana para quem aguarda, descansa ou apenas observa o movimento. A borda ativa do Mercado reforça a presença de pessoas ao longo do dia, ampliando a sensação de segurança e fortalecendo a vitalidade do espaço público. Entre áreas de estar, passagens sombreadas e pontos de encontro, forma-se um ambiente contínuo em que o pedestre encontra apoio, orientação e é convidado a permanecer.

MÓDULO REFÚGIO

Um espaço modular e flexível que se transforma conforme as condições climáticas da cidade, oferecendo proteção contra o calor intenso e as enchentes, ao mesmo tempo que cria um ambiente de convivência e bem-estar em meio ao caos urbano.O projeto incorpora elementos naturais (madeira, horta vertical) e arquitetônicos (cobogós, lona, arquibancada elevatória) para promover conforto térmico, ventilação, sombreamento e acessibilidade. Ele propõe uma resposta prática e simbólica à crise climática, estimulando a resiliência comunitária e a sustentabilidade nas cidades.



autogeração de energia

O funcionamento dos pulverizadores de água da passagem de pedestres, bem como a irrigação do jardim vertical e bombeamento de água é feito a partir da energia transformada pelos painéis solares.

proteção solar

A proteção é feita por meio de uma cobertura em lona acrílica que auxilia a não absorção dos raios solares e por painéis verticais de lonas micro perfuradas que permitem a passagem de luz e ventilação.

refresco rápido

Os pulverizadores de água captada da chuva atuam refrescando o ambiente, além de contribuírem para a irrigação das plantas. E também inclui um bebedouro público acessível.

reuso dos recursos

A água utilizada pelos pulverizadores da passagem pedestre e dos irrigadores do jardim vertical é fruto de reuso da água da chuva, captada por calhas e armazenada na caixa de água do módulo.

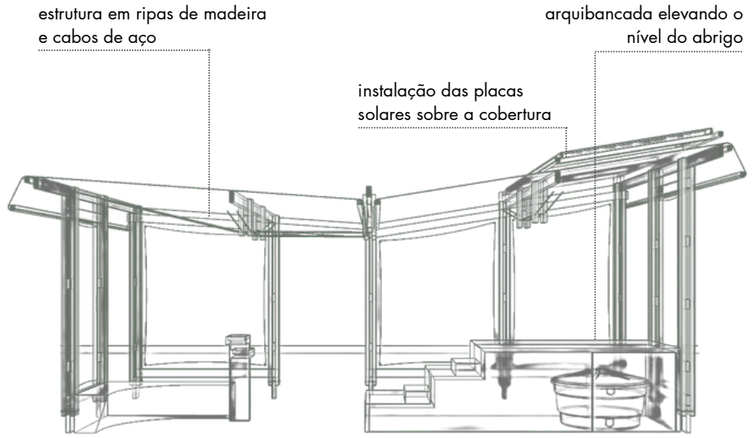
abrigo

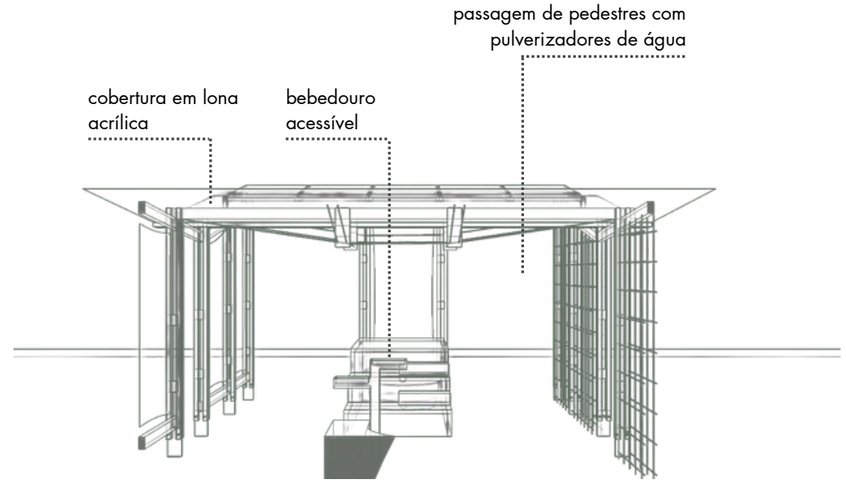
Em casos de alagamentos causados pela chuva, os usuários do abrigo podem se refugiar em de arquibancadas, que se encontram a 1 metro do chão.

Estudo de Caso Complementar: Módulo Arquitetônico - Refugio Urbano (Bienal 2025)(Autoria: Jean Marcos Boschetti Amorim, Luana de Souza Passos, Laura Alberton, Hellen Hoffmann.

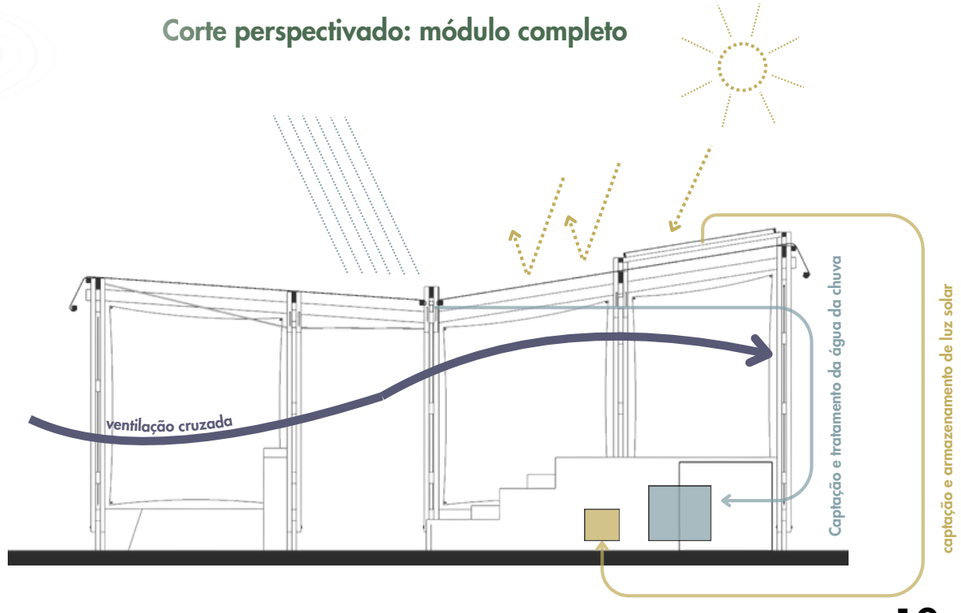


Fonte: Autoral,2025

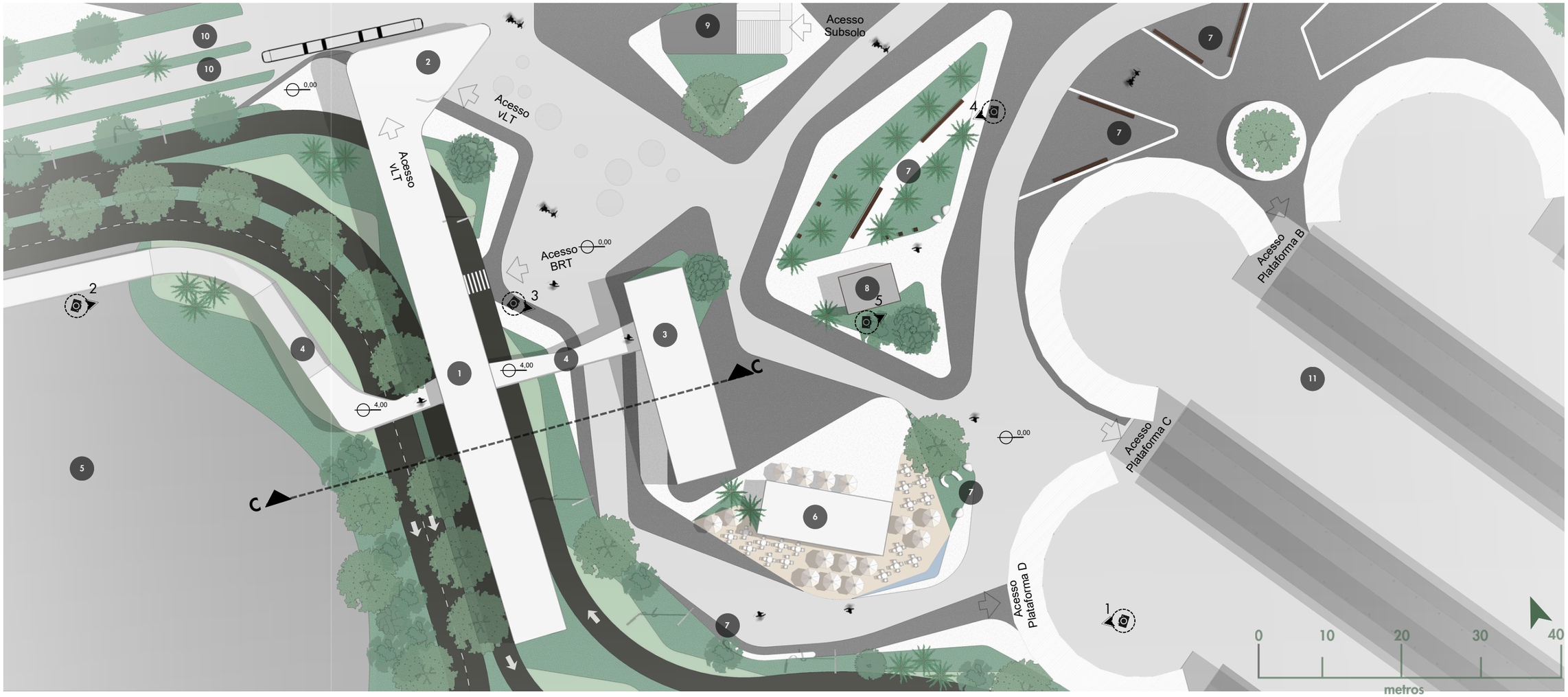




Corte perspectivado: módulo completo



SETOR 02 I MOBILIDADE



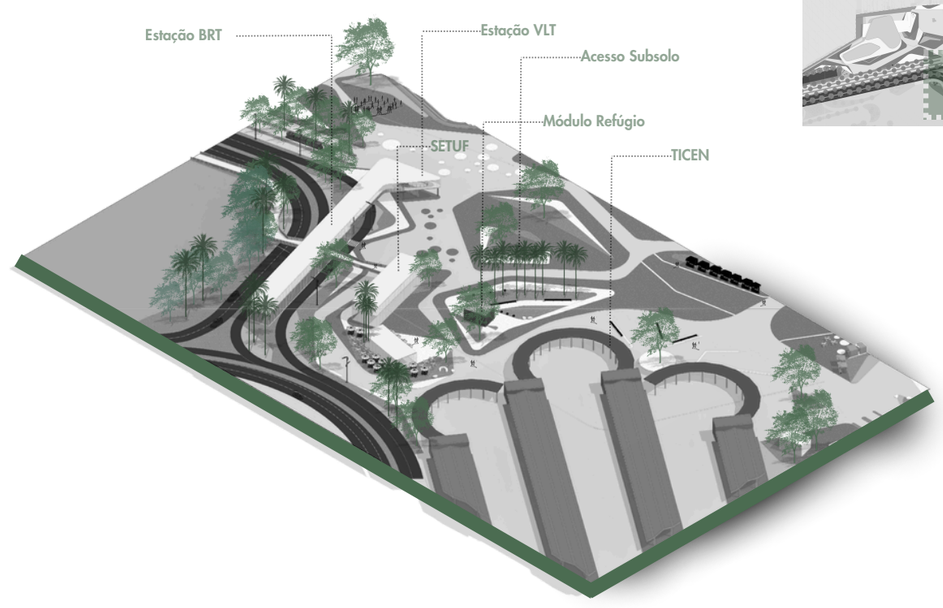
Legenda

1. Estação BRT
2. Estação VLT
3. SETUF
4. Passarela Rita Maria
5. Estacionamento Rodoviária
6. Área de Bar I Café
7. Área de Espera I Lazer
8. Módulo Refúgio
9. Acesso Subsolo
10. Linha VLT
11. Terminal Integrado - TICEN

Perspectivas Imagens

O **Setor 02** atua como o principal ponto de chegada e distribuição do Largo Cultural, reunindo os fluxos do BRT, VLT, TICEN e Rodoviária. O subsolo — com estacionamento e bicicletário — conecta-se diretamente ao BRT e ao TICEN, reforçando a integração entre níveis e modais. No térreo, os percursos são legíveis e contínuos, complementados pelos módulos de apoio que oferecem abrigo, serviços e pequenas permanências. A presença de bares e cafés ativa a borda urbana e amplia a vitalidade do conjunto, consolidando o setor como um núcleo de orientação, encontro e circulação integrada.

Perspectiva



Localização



Corte CC

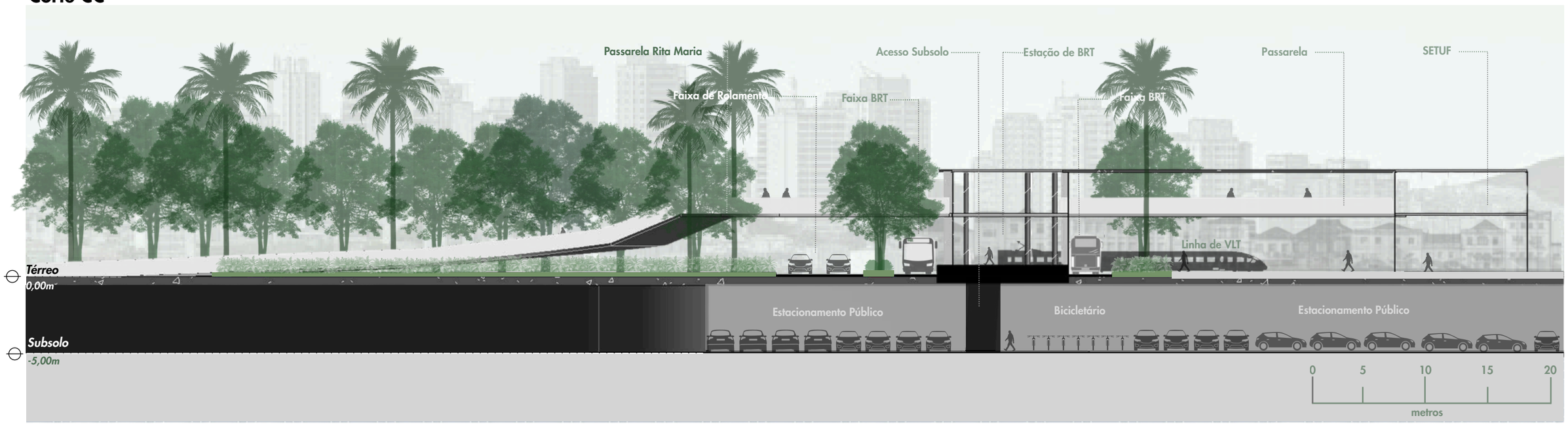
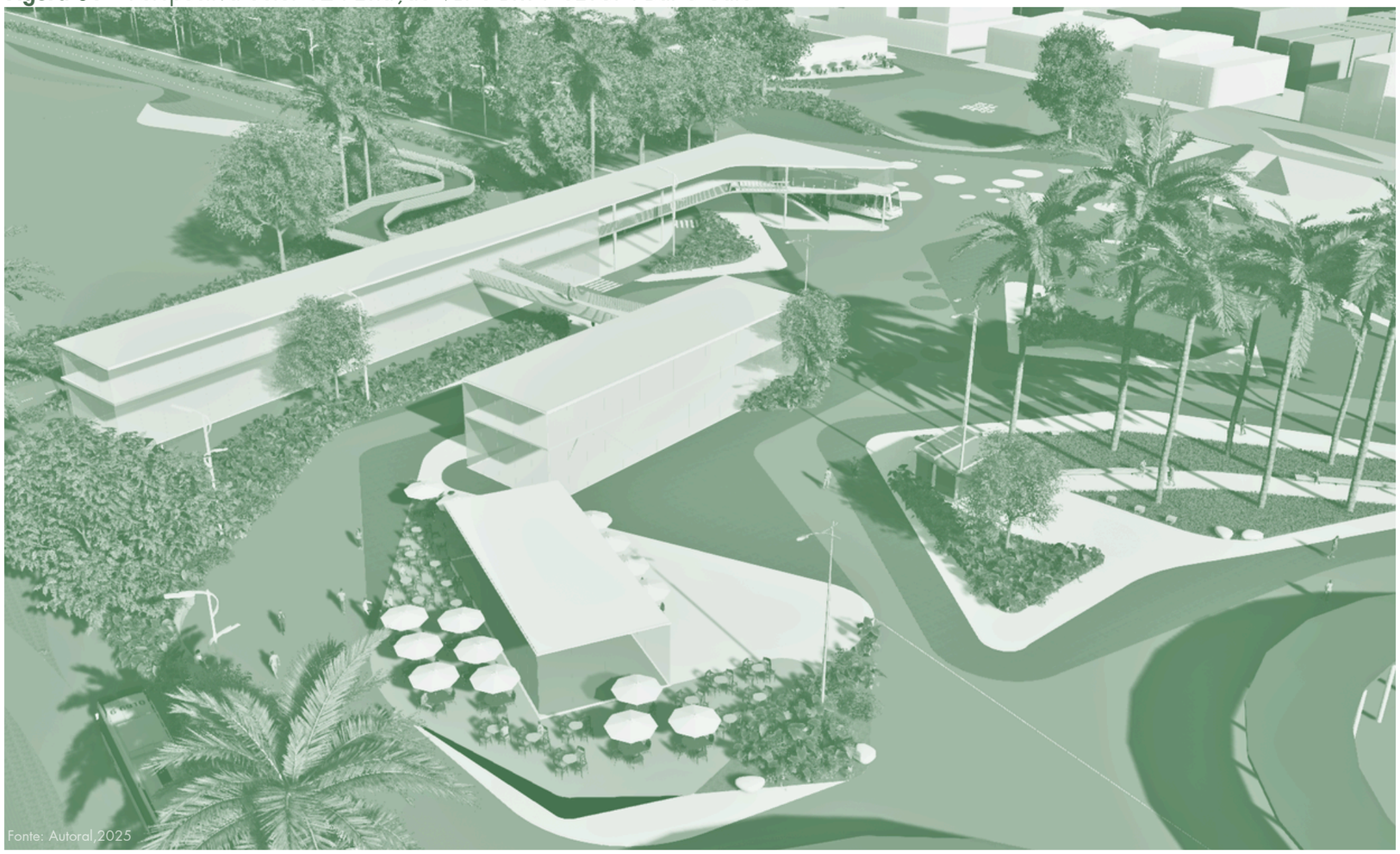
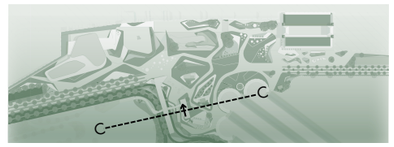


Figura 01 - Perspectiva Setor 02 | Estação VLT e BRT | SETUF | Bar e Café



Fonte: Autoral, 2025



A implantação integrada do BRT e do VLT estrutura o setor como um nó estratégico de mobilidade urbana, articulando de forma clara e legível os principais fluxos de deslocamento entre a Rita Maria, o TICEN e o centro histórico. A disposição dos modais privilegia a leitura visual do conjunto, permitindo que o pedestre compreenda facilmente a localização das estações, os sentidos de circulação e as conexões possíveis, sem a necessidade de barreiras físicas ou percursos confusos. A transparência das estruturas e a organização linear das plataformas reforçam essa percepção contínua do espaço.

Ao se posicionarem de maneira paralela e complementar, BRT e VLT não operam como elementos isolados, mas como parte de um sistema integrado ao espaço público. Essa configuração garante transbordos intuitivos, reduz tempos de deslocamento e fortalece a relação entre transporte e cidade, aproximando os fluxos metropolitanos da escala cotidiana do pedestre

Figura 02 - Ambiência Setor 02 | Passarela Rita Maria



Fonte: Autoral,2025

Figura 03 - Ambiência Setor 02 | Passarela de Conexão SETUF e BRT



Fonte: Autoral,2025

As **passarelas** são concebidas como dispositivos de conexão que reorganizam os deslocamentos no interior do conjunto, priorizando a circulação do pedestre e garantindo continuidade entre áreas fragmentadas. Ao vencer desníveis e atravessar infraestruturas viárias, elas constroem percursos acessíveis e legíveis, permitindo que o caminhar se dê de forma segura, confortável e contínua, sem rupturas abruptas entre os diferentes setores do projeto.

Ao conectar o Largo Cultural, a Rita Maria, os equipamentos de transporte e os espaços livres adjacentes, esses percursos elevados reforçam a leitura do conjunto como um sistema integrado, no qual o movimento não é apenas passagem, mas parte constitutiva da experiência urbana e da vida pública.

Figura 04 - Ambiência Setor 02 | Áreas de Permanência



Fonte: Autoral,2025

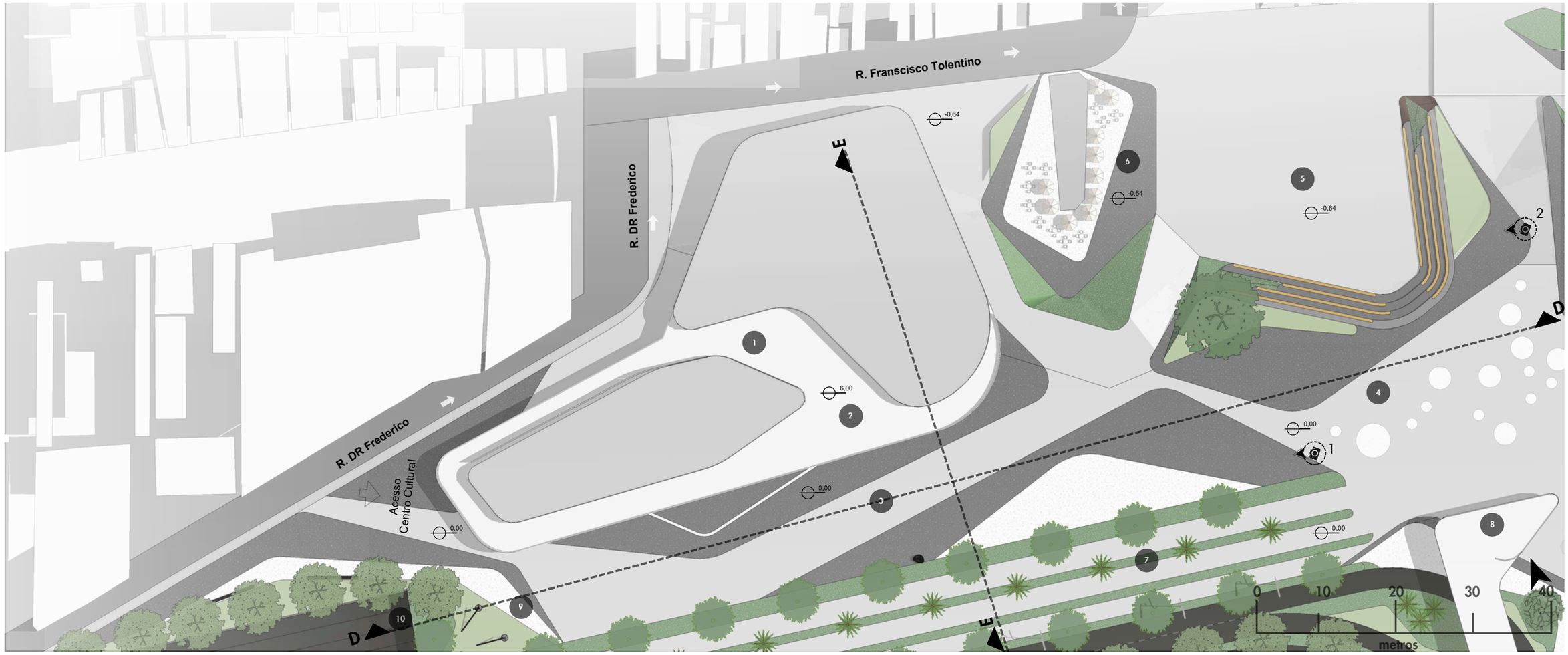
Figura 05 - Ambiência Setor 02 | Vista Módulo Refúgio



Fonte: Autoral,2025

As **áreas de permanência** são concebidas como espaços de espera qualificada, onde o tempo deixa de ser apenas intervalo entre deslocamentos e passa a integrar a experiência urbana. Distribuídas ao longo do Largo, essas áreas oferecem diferentes possibilidades de estar, sentar e observar, acolhendo usuários em ritmos distintos: quem aguarda o transporte, quem faz uma pausa no percurso cotidiano ou quem permanece por escolha. A presença de vegetação, bancos e sombreamento cria condições de conforto que favorecem a permanência prolongada e a convivência espontânea.

O **módulo de refúgio** complementa esse sistema ao oferecer abrigo climático e escala humana em meio à amplitude do espaço aberto. Pensado como um lugar de proteção e descanso, o módulo acolhe o corpo em espera, garantindo sombra, ventilação e visibilidade do entorno.



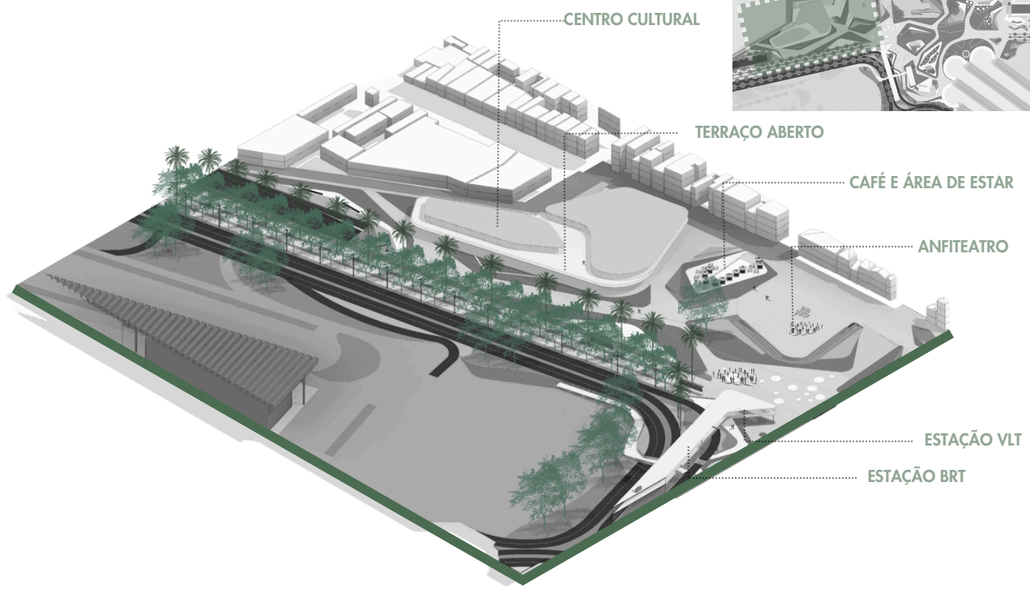
Legenda

1. Centro Cultural
2. Terraço I Observatório
3. Patio das Artes
4. Espaço Manifestações
5. Anfiteatro
6. Área de Bar I Café
7. Linha VLT
8. Estação VLT
9. Área de Lazer I Estar
10. Avenida Paulo Fontes

Perspectivas Imagens

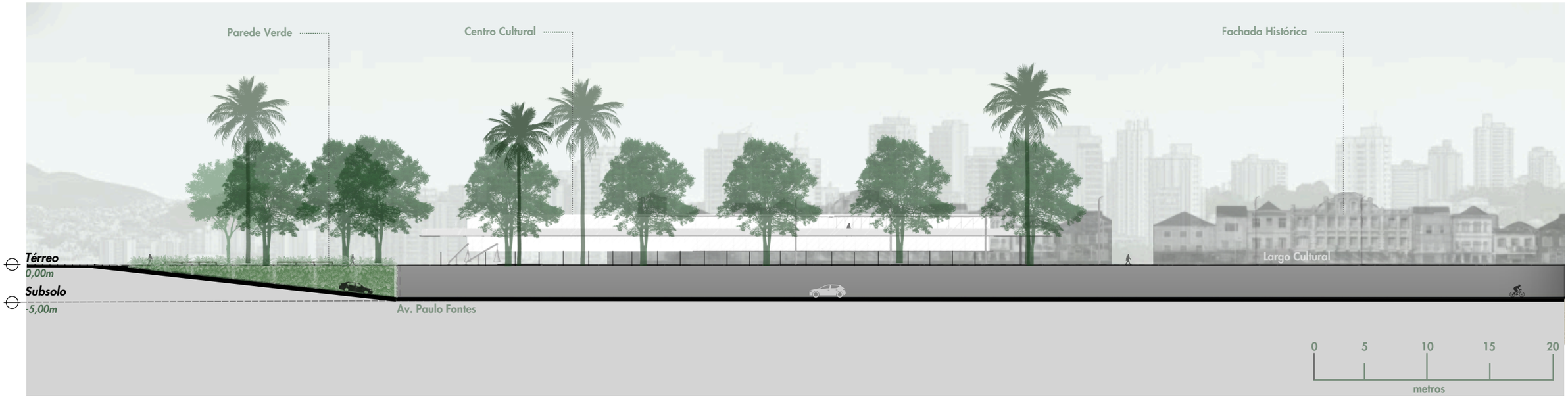
O **Setor 03** configura-se como o núcleo de manifestações culturais do Largo, estruturado a partir de um anfiteatro a céu aberto integrado ao espaço público. Implantado como um leve rebaixo no terreno, o anfiteatro utiliza a própria topografia para organizar o público em diferentes níveis de permanência, permitindo boa visibilidade do palco e reforçando a ideia de encontro espontâneo. Seu desenho aberto garante uso contínuo, mesmo fora dos horários de eventos, funcionando também como espaço de descanso, espera e contemplação. Este setor é destinado a atividades culturais diversas, como apresentações musicais de pequeno e médio porte, performances urbanas, teatro de rua, batalhas de rima, manifestações artísticas independentes e eventos promovidos por coletivos culturais locais. O espaço foi dimensionado para receber público em pé e sentado, com bordas habitáveis que funcionam como bancos informais, além de áreas livres que permitem a adaptação do uso conforme a escala e o tipo de evento, sem necessidade de estruturas fixas.
Complementando o anfiteatro, o entorno imediato abriga áreas de apoio às atividades culturais, como espaços de espera, circulação ampla e conexão direta com o Centro Cultural e os fluxos principais do Largo. A proximidade com os eixos de pedestres e com o sistema de transporte coletivo reforça o caráter democrático do espaço, garantindo fácil acesso e visibilidade. Assim, o Setor 03 consolida-se como um espaço ativo de expressão cultural, onde a cidade se manifesta de forma cotidiana e acessível.

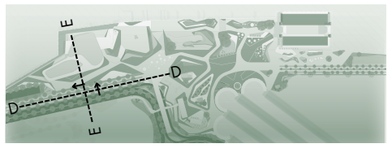
Perspectiva



Localização

Corte DD





Corte EE



Figura 01 - Ambiência Setor 03 | Pátio das Artes | Roda de Capoeira



Fonte: Autoral,2025

Figura 01 - Ambiência Setor 03 | Pátio das Artes | Ateliê Livre - Renda de Bilro



Fonte: Autoral,2025

Figura 01 - Ambiência Setor 03 | Pátio das Artes | Manifestação Boi de Mamão



Fonte: Autoral,2025

Figura 02 - Ambiência Setor 03 | Anfiteatro | Dia



O **programa do Centro Cultural** organiza-se em três níveis complementares, articulando espaço público, produção cultural e fruição da paisagem. No térreo, o edifício se estrutura a partir de um pilotis livre, permitindo a continuidade do Largo Cultural e garantindo a permeabilidade visual e física do conjunto. Nesse nível concentram-se lojas, café e áreas de lazer, integradas a um pátio aberto de artes, concebido como espaço expositivo a céu aberto, capaz de abrigar diferentes manifestações culturais ao longo do tempo. A arte se inscreve no cotidiano do espaço, ativando o percurso e estimulando a permanência.

O **primeiro pavimento** reúne as salas expositivas, espaços destinados à dança e às apresentações teatrais, organizados de modo a manter uma relação visual constante com o largo. Essa permeabilidade entre interior e exterior reforça o caráter público do edifício, permitindo que a atividade cultural seja percebida desde o espaço aberto, ampliando o diálogo entre quem circula e quem ocupa o centro cultural. O edifício deixa de ser um objeto isolado e passa a atuar como extensão da vida urbana.

No **segundo pavimento**, o programa volta-se à produção cultural e às práticas tradicionais, com ateliês dedicados à renda de bilro, ao artesanato e à culinária local, reforçando a dimensão cotidiana e identitária da cultura. Esse nível se articula a um terraço livre, que se projeta como espaço de permanência e contemplação, oferecendo uma vista privilegiada para a Ponte Hercílio Luz e consolidando uma experiência espacial singular para o usuário

O Pátio das Artes constitui o núcleo simbólico e espacial do Largo Cultural, configurando-se como um espaço aberto, flexível e continuamente apropriável. Seu desenho privilegia uma superfície livre e contínua, capaz de se adaptar a diferentes escalas de uso, desde encontros cotidianos até eventos coletivos de maior intensidade. Mais do que um palco formal, o pátio funciona como um chão cultural, onde práticas tradicionais e expressões contemporâneas coexistem e se manifestam no cotidiano do espaço público.

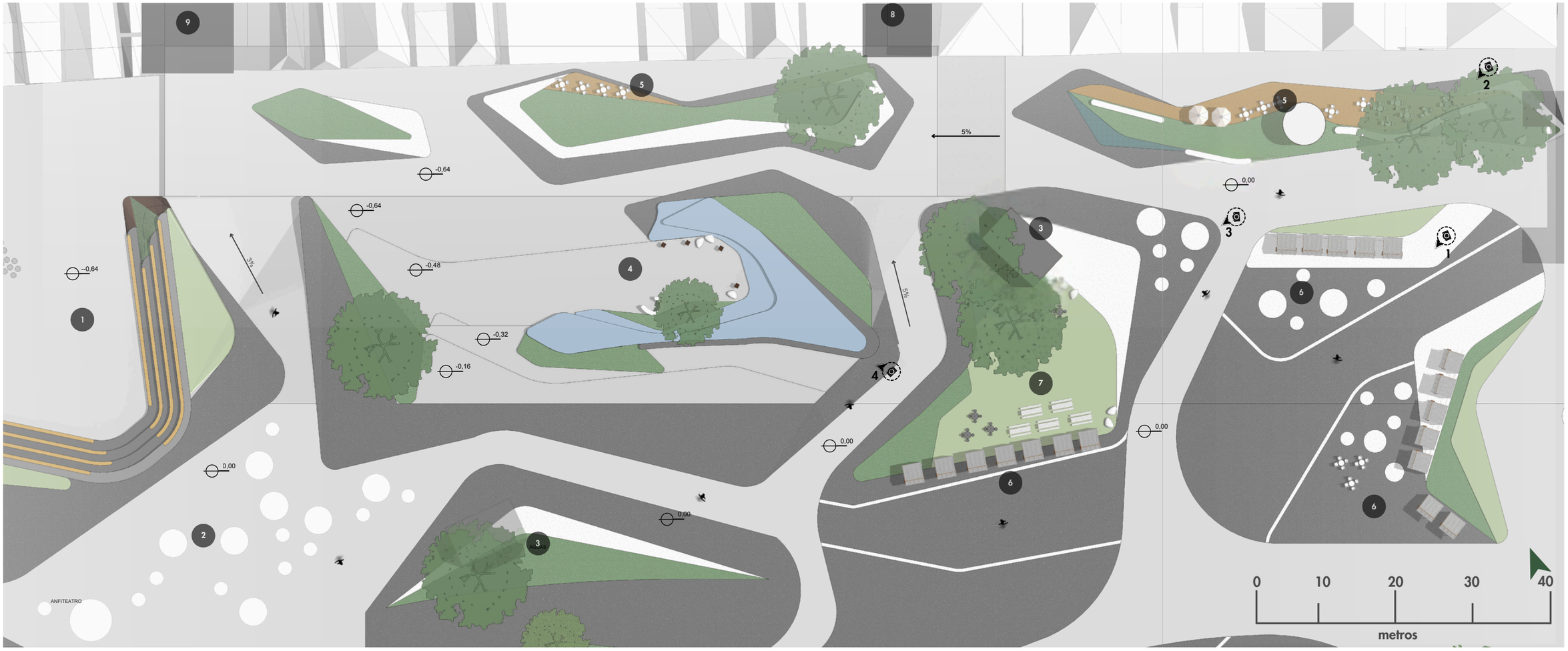
Nesse contexto, **o pátio acolhe manifestações culturais** enraizadas na história e na identidade da Ilha de Santa Catarina. Atividades como a renda de bilro extrapolam o espaço fechado dos ateliês e ganham visibilidade no espaço aberto, permitindo que o fazer artesanal seja compartilhado, observado e transmitido entre gerações. Da mesma forma, práticas corporais como a capoeira e apresentações da dança do boi de mamão encontram no pátio um espaço de expressão espontânea, onde o corpo, o ritmo e o movimento estruturam temporariamente o uso do lugar, ativando-o por meio da presença coletiva.

A relação com o patrimônio histórico adjacente é estabelecida de forma sensível: o desenho do centro cultural foi pensado para abraçar o edifício existente, sem ocultá-lo, reforçando sua presença no conjunto urbano. O patrimônio incorpora usos complementares, como café e bar, e integra-se a **um anfiteatro ao ar livre**, compondo um circuito cultural contínuo, onde memória, uso contemporâneo e espaço público se articulam de forma indissociável

Figura 02 - Ambiência Setor 03 | Anfiteatro | Noite



SETOR 04 I CONVIVÊNCIA



Legenda

1. Anfiteatro
2. Espaço Manifestações
3. Banheiro Público
4. Área de Contemplação
5. Estar Coletivo I Quiosques
6. Feiras Temporárias
7. Espaço de Permanência
8. R. Álvaro de Carvalho
9. R. Sete de Setembro

Perspectivas Imagens

Perspectiva



Localização



O **Setor 04** qualifica a borda do Largo Cultural com um conjunto de usos contínuos que fortalecem a presença de pessoas ao longo do dia e da noite. A organização de quiosques gastronômicos, áreas de permanência e feiras temporárias cria uma frente ativa que dialoga diretamente com o fluxo do Mercado Público e com o eixo de mobilidade, ampliando a diversidade de atividades e reforçando a segurança pela ocupação constante do espaço. Esse trecho funciona como um "corredor vivo", onde comércio, circulação e descanso se combinam para consolidar uma ambiência urbana acolhedora e iluminada, sem perder a permeabilidade visual da fachada histórica e a fluidez dos caminhos.

Figura 01 - Ambiência Setor 04 | Dia



Fonte: Autoral,2025

Figura 01 - Ambiência Setor 04 | Noite



Fonte: Autoral,2025

As **feiras temporárias** ocupam o Largo com **estruturas modulares** destinadas ao artesanato local, pequenas gastronomias, produtos regionais, hortifrúti e criações autorais. Distribuídas ao longo do percurso, elas ativam o espaço durante o dia, ampliando o caráter comunitário do centro e fortalecendo a economia popular, sem bloquear fluxos e garantindo montagem e desmontagem rápida conforme a demanda.
Ao entardecer, a proximidade com o Mercado Público amplia a vocação gastronômica da área, permitindo que as feiras assumam um caráter mais cultural e convivencial: comidas de rua, pequenos eventos, música leve e encontros espontâneos. A presença constante de pessoas estende a vitalidade urbana para além do horário comercial, reforçando segurança, diversidade de públicos e um uso contínuo e acolhedor do Largo.

Figura 02 - Ambiência Setor 04 | Borda Ativa



Fonte: Autoral,2025

A fachada histórica junto ao Mercado Público recebe uma **borda ativa leve**, composta por pequenos quiosques que acolhem usos gastronômicos e serviços cotidianos, fortalecendo o movimento e a segurança natural do espaço ao longo do dia e da noite. Esses módulos se integram ao fluxo do Largo sem competir com o edifício existente, funcionando como **apoio à convivência**. Próximo a essa área, o módulo de banheiros públicos oferece infraestrutura discreta e acessível, enquanto zonas de gramado e mesas informais criam locais confortáveis para refeições rápidas, encontros e piqueniques, ampliando as possibilidades de permanência. Em continuidade, uma **área de contemplação** marcada por espelhos d'água introduz uma pausa no percurso. Os planos refletivos reforçam a presença da fachada histórica, ampliam a percepção do espaço e contribuem para o conforto ambiental, criando um lugar de observação e desaceleração.

Figura 04 - Ambiência Setor 04 | Áreas de Contemplação



Fonte: Autoral,2025

Figura 03 - Ambiência Setor 04 | Banheiros | Áreas de Estar



Fonte: Autoral,2025

X REFERÊNCIAS

ARCHDAILY BR. Parque Sishane / SANALARc. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/734145/parque-sishane-sanalarc. Acesso em: junho 2025

ARCHDAILY BR. Transformação fundamental da Plaza Mallorca / SON Estudio. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/975437/transformacao-fundamental-da-plaza-mallorca-son-estudi. Acesso em: junho 2025.

CARVALHO, R. Mercado Público de Florianópolis: como chegar. Esse Mundo é Nosso, 2024. Disponível em: https://www.essemundoenosso.com.br/mercado-publico-de-florianopolis-como-chegar/. Acesso em: junho 2025.

CONCURSOS DE PROJETO. Concurso Largo do Mercado – SC. Disponível em: https://concursosdeprojeto.org/2010/04/12/concurso-largodomercado-sc/. Acesso em: junho 2025.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. Plano Diretor. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/. Acesso em: maio 2025.

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (INMET). Dados climatológicos: temperaturas máximas diárias – Florianópolis (2003–2024). Brasília: INMET, 2024. Disponível em: https://portal.inmet.gov.br. Acesso em: maio 2025.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.

NSC TOTAL. Como era Florianópolis antigamente? Fotos mostram expansão no Centro e paisagens intocadas. Florianópolis, 11 dez. 2023. Disponível em: https://www.nsctotal.com.br/noticias/como-era-florianopolis-antigamente-fotos-mostram-expansao-no-centro-e-paisagens-intocadas. Acesso em: maio 2025.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SOUZA, Alcídio Mafra de. Guia dos bens tombados – Santa Catarina. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1992.

SUGAI, Maria Inês. Planejamento urbano e segregação socioespacial: a formação da área conurbada de Florianópolis. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

SUGAI, Maria Inês. A produção do espaço urbano em Florianópolis: infraestrutura viária, expansão urbana e segregação socioespacial. In: SUGAI, Maria Inês (org.). Florianópolis: território, planejamento e conflitos urbanos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

VILLAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2007.